

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Beatriz Espindola Videira

**NARRAR PARA EXISTIR: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE HANNAH ARENDT E
A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

SÃO PAULO

2025

Beatriz Espindola Videira

**NARRAR PARA EXISTIR: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE HANNAH ARENDT E A
ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
como parte dos requisitos exigidos para
graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Profª Drª Fabiola Freire Saraiva de
Melo.

SÃO PAULO

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Fabiola, pelo constante incentivo e apreço compartilhado durante todo o processo. Também pelas contribuições para se pensar em uma fenomenologia mais crítica e situada.

Sobretudo às minhas colegas e amigas de curso, pelo apoio constante e interesse pela pesquisa. Nossas conversas foram significativas e essenciais para o delineamento do trabalho. Assim como nossas trocas e indicações literárias.

À minha família, pelo suporte, companheirismo de sempre e o incentivo à leitura.

Aos amigos próximos, com quem compartilho e testemunho escritos autorais que falam de dentro.

Aos escritores que me tocaram com suas narrativas e despertaram meu interesse pelo assunto de vidas alheias à minha.

E também àqueles que insistem na escrita e dela fazem um meio de ser.

RESUMO

VIDEIRA, B. E. **Narrar para existir:** Uma aproximação entre Hannah Arendt e a Escrivência de Conceição Evaristo.

Este ensaio teórico, fundamentado na fenomenologia-existencial, investigou de modo sensível e político a importância da narrativa compreender como vidas se inscrevem e resistem no mundo pela palavra, a partir do diálogo entre o conceito de Escrivência de Conceição Evaristo e o de ação e narrativa de Hannah Arendt, pensando a partir disso contribuições para prática psicológica. Adotou-se a interseccionalidade, fundamentada na epistemologia feminista negra, como lente analítica para dar relevância a vozes historicamente silenciadas e questionar a perspectiva etnocêntrica. Para Arendt, a narrativa é o que preserva o passado do esquecimento e permite a reconstrução do futuro. Essa perspectiva dialoga com a proposta de Escrivência, que se manifesta como um ato político de resgate e valorização da ancestralidade africana, onde a escrita do “eu” se amplia para abarcar a história de uma coletividade. A análise evidenciou que a escrita é um ato de desvelamento de sentido e pode ser uma prática terapêutica. Ao contrário da neutralidade hegemônica, a Escrivência e a narrativa, ao valorizarem o particular e o vivido, tornam-se ferramentas essenciais para a humanização e o acolhimento psíquico. Desse modo, a articulação entre as autoras fortalece a prática psicológica, podendo oferecer manejo para nossas práticas ao reconhecermos a narração como um ato de liberdade e um modo de garantir pertencimento, assim como de inspiração e reformulações metodológicas mais contextualizadas.

Palavras-chave: Escrivência; narrativa; ação; testemunho; escrita; Conceição Evaristo; Hannah Arendt; psicologia fenomenológica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	14
CAPÍTULO 1.....	16
1.1 A vivência que permeia a escrita de Maria da Conceição Evaristo.....	16
1.2 A Escrivência e suas vozes.....	21
1.3 Narrativas de resistência em “Insubmissas lágrimas de mulheres”.....	24
CAPÍTULO 2.....	29
2.1 A vivência que permeia o pensamento de Hannah Arendt.....	29
2.2 Narrativas que carregam um sentido de ser.....	32
2.3 Ensaio biográfico arendtiano.....	40
CAPÍTULO 3.....	43
3.1 Narrar para existir: Escrivência e seu potencial narrativo para Psicologia.....	43
3.2 Meu lugar de escuta e escrita.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
BIBLIOGRAFIA.....	59

INTRODUÇÃO

“Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. (Evaristo, 2020, p. 34)

Escolhi iniciar este trabalho com a citação da escritora Conceição Evaristo, uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea, para introduzir, a partir de sua vivência, uma noção de linguagem imbuída pela experiência vivida. Tal percepção foi desvelada e se tornou objeto investigativo para o estudo aqui desenvolvido. Dando ênfase à linguagem escrita, e seus processos e implicações individuais e coletivas, mas sobretudo me interessando pela narrativa como um ato de contar histórias.

Parti da compreensão de que a escrita envolve muito mais do que a materialidade das letras no papel ou telas, englobando um todo de produção subjetiva que pode se traduzir de modo artístico. Nesse sentido, a literatura nos atrai por expressar os sentimentos que a realidade evoca, indo além de uma descrição meramente imparcial (Moraes *et al.*, 2024).

Essa arte da comunicação, me toca desde cedo; me encanta as manifestações que se fazem por meio da palavra. Encontrei refúgio em meio às palavras e seus possíveis significados, enquanto leitora e escritora amadora. Desde pequena, gosto de contemplar as diferentes possibilidades que surgem das variadas combinações de letras, e as diversas narrativas possíveis de serem construídas. Sobretudo me sensibiliza uma escrita que rejeita a neutralidade, que foge da impessoalidade, para traduzir o vivido, e é capaz de tocar outras subjetividades.

Deste modo, me alio às ideias da escritora Conceição Evaristo e da filósofa Hannah Arendt, que defendem que no ato de escrever, ou na leitura, há sempre um encontro íntimo, que parte da intimidade de quem escreve e alcança a de quem lê:

Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens. (Evaristo, 2020a, p. 32)

...é sempre na letra morta que o espírito vivo deve sobreviver, um amortecimento do qual ele só escapa quando a letra morta entra novamente em contato com uma vida disposta a ressuscitá-la, ainda que esta ressurreição tenha em comum com todas as coisas vivas o fato de que ela, também, tornará a morrer. (Arendt, 2008, p.182)

No tocante à Psicologia, isso é crucial, tendo em vista que é por meio da linguagem e suas narrativas que a/o psicóloga/o testemunha, investiga e atua. As palavras são a nossa ferramenta de trabalho, carregam muitos sentidos, que são subjetivos e possibilitam conhecer o outro e auxiliá-lo a acessar seu mundo. Heidegger sustenta que a linguagem é essencialmente reveladora de significados, ou seja, poética¹. A escrita, como modalidade da linguagem, manifesta-se como um ato de desvelamento de sentido - “[...] por meio do exercício hermenêutico, o ofício de interpretar – situado no campo semântico da linguística.” (Thame, 2023, p.56), permeia uma função terapêutica de cuidado para a existência - pois pode favorecer a reflexão, e assim, ser um espaço privilegiado para o apropriar-se de si e a revelar o próprio ser.

Dulce Critelli (2012), filósofa contemporânea estudiosa de Hannah Arendt, expressa que a orientação fenomenológica encontra na narrativa não apenas um recurso metodológico, mas um campo de transformação da própria história e, portanto, da vida. Narrar a própria vida pode ser compreendido como um exercício de constituição de si, de elaboração da experiência e de abertura para novas possibilidades de existir. Nesse sentido, refletir sobre o papel da narrativa na Psicologia é reconhecer que a narração constitui um modo de cuidado e um lugar de encontro entre o vivido e o possível.

O ato de escrever se estabelece como um exercício da liberdade de poder ser, pois a escolha contínua de como lidar com os projetos de mundo o torna uma via fundamental para que o indivíduo realize a própria existência. Em consonância com essa força existencial, a escrita se torna um ato ético e político: ao narrar histórias miúdas e singulares do cotidiano, ela rompe com o conhecimento universal e hegemônico. Essa abordagem prioriza a produção de saberes situados, onde a valorização do particular permite tecer novos mundos mais plurais e utilizar a experiência individual para criar uma nova realidade coletiva (Thame, 2023).

¹ “[...] a linguagem poética permite que se revele algo do originário da condição humana, ao mesmo tempo em que mantém o mistério e a abertura para o que não é dito: para além das objetificações das ciências das linguagens, o poético permite um acontecer que, em nosso cotidiano, não temos a oportunidade de experienciar [...]” (Thame, 2023, p. 47)

Feitas essas considerações, retomo a epígrafe inaugural deste trabalho e sua autora. Visto que, a ideia do tema surgiu a partir de um grande apreço e admiração pelas obras de Conceição Evaristo, que me suscitaram na descoberta do termo-conceito de Escrivivência, elaborado por ela, a partir de sua experiência como mulher negra inserindo-se no campo acadêmico e literário, com o propósito de dar visibilidade a narrativas historicamente silenciadas. Sendo a Escrivivência, entendida como a escrita que brota da vida e das memórias inscritas no corpo e na existência (Nunes, 2020), revela-se, para mim, não apenas como um gesto estético, mas também de relevância, considerando os atravessamentos de afetos, dores, resistências e potências, visto que:

[...] compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras, colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. (Nunes, 2020, p. 14)

Lima, Moraes e Silva (2019) em diálogo com as reflexões da filósofa e ativista do feminismo negro no Brasil, Djamila Ribeiro, destacam o lugar social da mulher negra, historicamente marcado pela condição de subalternidade. Nas palavras de Ribeiro (2017 *apud* Lima, Moraes e Silva, 2019), a mulher negra é concebida como “antítese de branquitude e masculinidade”, o que dificulta seu reconhecimento como pessoa, já que o olhar de homens brancos e negros, bem como de mulheres brancas, tende a confiná-la em um espaço de marginalização de difícil superação. A partir dessa perspectiva, Lima, Moraes e Silva (2019) evidenciam que a exclusão não se restringe ao âmbito de gênero, mas integra um processo mais amplo de silenciamento histórico imposto aos negros, frequentemente reduzidos à condição de objetos de uma história marcada pela escravidão e pela violência, em detrimento do fortalecimento das estruturas de poder dominantes. Nesse sentido, Ribeiro ressalta que, embora por muito tempo tenha prevalecido a invisibilidade, observa-se hoje a emergência de estratégias de resistência, nas quais pessoas negras buscam visibilidade, representatividade política e autonomia, enfrentando a norma colonizadora que insiste em relegá-los ao esquecimento e ao olhar preconceituoso das instâncias de poder:

O que há de acesso em geral sobre a história das pessoas negras e indígenas nesse país, tende a ser atravessado por um olhar branco colonizador sobre esses sujeitos e suas trajetórias. E é um olhar atravessado por uma perspectiva racista, que empurra a um lugar social e provoca mortes, em várias instâncias. E é essa narrativa que se faz presente na distribuição em massa [...] Para negros e indígenas no Brasil, ter acesso a informações sobre si, sobre os seus sem um discurso de morte, só é e foi possível mediante uma transmissão que não parte do discurso hegemônico. Uma transmissão que passa pela via da oralidade, que se faz nas relações, nos risos, no corpo. (Silva, J., 2021, p. 35)

Ao conceder voz às pessoas historicamente subalternizadas por meio da literatura, Evaristo rompe com esse silêncio institucionalizado caracterizado acima. Dando centralidade àquelas que, por razões socioculturais, eram impedidas de falar ou tinham suas vozes deslegitimadas, já que sua representação permanecia condicionada à perspectiva dominante (Lima, Moraes e Silva, 2019). Assim,

Sua escrita nos tira do comodismo, e para tal é preciso fôlego. A linguagem utilizada, os temas retratados, o olhar que lança sobre as temáticas, ou seja, a tessitura literária de suas escritas nos instiga à reflexão dos discursos e estruturas sociais dominantes. Suas personagens têm ânsia de serem ouvidas, e Conceição Evaristo tem ânsia de fazê-las serem ouvidas. (p. 176)

Para Jurema Werneck (2016), figura central no movimento negro e no feminismo brasileiro atual, essas “São histórias que insistem em dizer o que tantos não querem dizer. O mundo que é dito existe.” (p. 14). Nesse sentido, a Escrivivência surge enquanto um ato de defesa de direitos, de formação e de afirmação da vida. Reconhecendo que toda pessoa tem algo a partilhar, e que, ao registrar ou publicar suas experiências, gera sentidos, promove reconhecimento e amplia a compreensão de uma vida livre, essencial ao convívio numa sociedade plural (Nunes, 2020).

Para além disso, em consonância com Nunes (2020), mesmo a Escrivivência já tendo um amplo reconhecimento, existe uma urgência em investigá-la e aprofundar-se nela, por condensar uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político e histórico. É também urgente e necessário pesquisar e valorizar, as literaturas de autoria negra e indígena, reconhecendo nelas expressões de culturas ancestrais que continuam a pulsar no presente. Em conformidade ao pensamento decolonial², que cada vez mais se revela e difunde dentro da Psicologia, a reivindicação de epistemologias latino-americanas está promovendo revisões significativas nas metodologias, e por fim na prática, para que se torne mais crítica e situada a realidade do nosso território (Santos, G., 2022).

Para me debruçar no conceito de Escrivivência de Conceição Evaristo, o pensamento de Hannah Arendt se revelou como uma possibilidade para um diálogo fecundo. Tendo em vista que, a filósofa se propôs a ser uma storyteller de seu tempo, e contribuiu significativamente para reflexões acerca da narrativa - um dos temas centrais de sua obra, que

² Apesar de ter raízes anteriores, o pensamento decolonial se fortalece apenas nos anos 2000, com a redemocratização latino-americana, reunindo influências da filosofia latino-americana, além de contribuições africanas e orientais sobre a colonização recente (Santos, G., 2022).

é destacada enquanto uma importante ferramenta existencial e política que nos permite dar sentido à ação e à pluralidade da experiência humana, com a perspectiva de que:

Revelar o “quem” é deixar ver o sentido da história. Não o sentido da História em geral, ou da Humanidade, mas de histórias particulares, que são muitas e plurais. O exercício do contar histórias, tarefa que todos realizam cotidianamente, contando e recontando suas histórias para si mesmos e para os outros, é ofício especial dos poetas e dos historiadores. (Schittino, 2012, p. 54)

Mesmo Arendt sendo identificada e se identificando enquanto uma teórica política, é inegável que seu pensamento também oferece contribuições pertinentes à Psicologia. À luz de que, é uma pensadora que, mesmo tendo se voltado prioritariamente a acontecimentos políticos, engajou em reflexões relevantes sobre o pensar, e dessa forma suas obras provocam a quem lê, uma experiência reflexiva (Critelli, 2022). E aqui se faz relevante também considerar que ela, por ser judia, faz parte de um grupo minoritário - o que circunstancia seus conteúdos de pesquisa e produções, por ter vivenciado o Holocausto, além de que, também para seu período foi considerada disruptiva, sendo notório seu destaque e espaço ocupado enquanto uma mulher.

Como colocado no início, é por meio das palavras e dos atos que as pessoas se apresentam no mundo, expondo sua singularidade diante dos outros e tornando-se inteligíveis a si mesmas. Tudo o que fazemos, sabemos ou experimentamos só adquire sentido na medida em que pode ser narrado (Arendt, 2008), e na medida em que é compartilhado: “Os homens experimentam uma necessidade ontológica³ de compartilhar seus conhecimentos, suas descobertas, seus sentimentos e pensamentos, pois, para os homens, tudo o que chamamos de real é aberto e sustentado pelo viver em conjunto.” (Critelli, 2012, p. 26).

É pela linguagem que o mundo se transforma em algo habitável - “Um mundo que não possa ser narrado, não pode ser habitado.” (Critelli, 2012, p. 33), pois é por meio dela que as narrativas são tecidas, carregando um sentido de ser. Contar e ouvir histórias não é apenas um exercício de memória ou expressão, mas o modo pelo qual a existência ganha consistência e se abre ao compartilhamento. A narrativa sustenta o empreendimento da vida cotidiana, na medida em que responde à necessidade humana de comunicar, partilhar e fazer ver aos outros a diferença de nossa perspectiva, tornando possível que o singular se inscreva no comum e que o vivido se converta em experiência significativa (Critelli, 2012). A

³ Como afirma Heidegger, somos “ontológicos no fundo do nosso ser”: nossa marca essencial é a busca de sentido para tudo o que vivemos e encontramos (Critelli, 2012).

atividade narrativa configura-se então, como uma coparticipação entre a criação individual e a vivência coletiva, constituindo uma produção material, que inscrita na abrangência do mundo, é capaz de revelar traços da experiência humana (Regiani, 2017).

Em conformidade a isso, Walter Benjamin, amigo e parceiro intelectual de Arendt, em seu ensaio *O Narrador* (1994), reflete: “[...] se a relação entre o narrador e sua matéria - a vida humana - não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência - a sua e a dos outros - transformando-a num produto sólido, útil e único?” (p. 221). Deste modo, considerando que a fonte dos contadores de histórias se dá de forma artesanal, na experiência transmitida de pessoa a pessoa, na articulação da escuta e do testemunho, sendo a oralidade fundamental: “A história, que carrega em si experiência e sabedoria, deve ser compartilhada de uma pessoa para outra, se instaurar na memória do ouvinte e ser contada por ele. O ouvinte torna-se narrador.” (Esteves, 2024, p. 66), ainda que, “Seja essa escrita uma “escrita do eu” ou uma escrita que visa se distanciar da realidade, ainda assim a escrita é *informada* por quem somos e como vivemos e, na mesma moeda, essa escrita *pode informar* quem somos e como vivemos.” (p. 70).

De mesmo modo, ainda

Arendt faz crer que aquele que não compreende sua história acaba sendo levado pelo puro acontecer e tende a acreditar que o destino não lhe permite agir. Os homens que não assumem sua história são arrastados pelo processo histórico ou pela contingência radical dos acontecimentos que lhes aparecerá inevitável e irresistível como um destino. Assim, a perda da realidade e dos fatos acarreta a obstrução da ação e do próprio futuro. (Schittino, 2012)

Ao compreendermos que a narrativa é o que permite a aparição do indivíduo no mundo e a preservação da singularidade diante da efemeridade da vida, reconhecendo que, nesse gesto, manifesta-se também uma experiência existencial fundamental, na qual a pessoa inscreve sua existência no mundo por meio da palavra (Schittino, 2012), vislumbro uma aproximação potente com a Escrivivência de Conceição Evaristo, entendida como escrita que resgata memórias, corpos e vozes silenciadas. Deste modo, meu objetivo foi o de investigar de modo sensível e político, a partir destas duas autoras, a importância da narrativa e de como vidas se inscrevem e resistem no mundo pela palavra.

Para isso, desenvolvi o trabalho em 3 capítulos. No primeiro, me detive na exposição da ideia da Escrivivência - inicialmente apresentei a história de vida de sua criadora, depois explorei o conceito e suas implicações, e por fim, no tocante à ele, expus a obra *Insubmissas*

lágrimas de mulheres (2024) de Evaristo. No segundo capítulo, me dediquei a explorar a ideia de narrativa - comecei expondo brevemente a biografia de Arendt, para posteriormente adentrar nas suas ideias pertinentes a este trabalho, e junto a isso, ao fim, trouxe sua proposta de ensaios biográficos. Já no terceiro e último capítulo, fiz uma análise apoiada no que foi exposto previamente, relacionando, aproximando e as diferenciando.

METODOLOGIA

Na perspectiva de construir um ensaio, essa investigação realizou uma revisão bibliográfica de caráter teórico, apoiado na metodologia fenomenológica, fundamentada no pensamento da filósofa Hannah Arendt, que serviu como base para uma aproximação e compreensão da Escrivência proposta por Conceição Evaristo.

Procurei adotar uma perspectiva interseccional, como uma lente analítica que orienta a postura da minha pesquisa e a escolha das fontes bibliográficas, moldando o compromisso ético e político com o tema. Essa lente se fundamenta na epistemologia feminista negra, cunhada por Kimberlé Crenshaw (1991), que demonstra como as opressões (de raça, classe, gênero etc.) não agem de forma isolada, mas se cruzam e se entrelaçam. E deste modo, “[...] a interseccionalidade, enquanto construção teórica e prática política, funciona como ferramenta metodológica para a análise das desigualdades estruturais.” (Santos, M., 2025, p.2), direcionando o olhar para a urgência de dar relevância a vozes historicamente marginalizadas pela cultura sexista e racista.

Propondo, assim, uma forma de produzir conhecimento a partir dos interesses, vivências e perspectivas das mulheres negras, valorizando seus saberes; nesse sentido ainda, a própria Escrivência de Conceição Evaristo se configura como um novo paradigma literário brasileiro, fundamentado nas perspectivas do pensamento decolonial e da interseccionalidade em sua concepção (Moraes *et al.*, 2024).

Para me debruçar sobre a ideia Escrivência, foi feita uma contextualização da vida de Evaristo, para então explorar seu conceito, como gesto político, existencial e afetivo. Além de que, expus a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2024), a fim de demonstrar a proposta literária discutida previamente sobre a autora, e que, posteriormente, alimentou a discussão com uma articulação referencial, no tocante aos conceitos trazidos.

Acerca da ideia de narrativa para Arendt, parti também de uma apresentação inicial sobre a pensadora. Em seguida, foi explorado sobretudo a partir de sua obra *A Condição Humana* (2008), as “condições humanas”, focando sobretudo nos fundamentos que principiam as ideias de ação e narrativa - as quais mais interessam a este trabalho. E tatei ainda, a proposta dos ensaios biográficos produzidos pela filósofa e suas implicações, a fim de trazer também uma referência dela, com o intuito de explicitar sua teoria e fomentar o diálogo entre conceitos.

A análise se desenvolveu por meio de aproximações conceituais e leituras cruzadas, buscando compreender os possíveis atravessamentos entre as duas autoras e suas ideias de Escrivência e narrativa, como formas de tornar a vida humana compreensível, visível e resistente ao apagamento histórico.

CAPÍTULO 1

1.1 A vivência que permeia a escrita de Maria da Conceição Evaristo

Antes de falar sobre a Escrivivência, é pertinente compreender a história de sua criadora, sobretudo a partir dela mesma. Como é também dito por Conceição: “A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições.” (Evaristo, 2020a, p. 36), o que se atrela à indissociação entre sua forma de escrita e militância. Deste modo, os parágrafos iniciais deste capítulo compõem marcos de sua história, contados em sua maioria por ela própria em depoimentos e entrevistas, compondo com a biografia fornecida pelo Literafro.

Maria da Conceição Evaristo, nascida em Belo Horizonte no ano de 1946, é uma referência na literatura afro-brasileira contemporânea. Neta de escravos, de origem simples, teve uma infância rodeada de mulheres: sua mãe, tias e três irmãs, também Marias, sendo que mais tarde chegou seu padrasto, e sua família aumentou, com a chegada de mais cinco irmãos. Desde menina, foi imbuída por grandes afetos em relação à sua matriarca Joana Josefina Evaristo. Sofria muito com a impotência que sentia diante do sofrimento dela sendo algo que sempre importou para a autora, a felicidade de sua mãe (Evaristo, 2009).

Aos 7 anos de idade foi morar com tios, que não tinham filhos e passavam por menos necessidades que sua família nuclear, tendo sido nessa circunstância, que teve uma maior oportunidade de acesso aos estudos. Contudo não esteve isenta da necessidade de trabalhar, e aos 8 anos iniciou sua jornada nos serviços domésticos, seguindo os passos das mulheres de sua família: cuidando de sua casa e da dos outros, tomando conta de seus irmãos e dos filhos das patroas. Em alguns momentos ofereceu seu trabalho a professores, impulsionada pelo desejo de aprender mais e compartilhar conhecimento com suas irmãs e irmãos, o que possibilitou aulas particulares, maior atenção no colégio e no ganho de livros (Evaristo, 2009).

No final da década de 60, a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*⁴ (1960), de Carolina Maria de Jesus, ressurgiu e comoveu o público leitor às margens da sociedade

⁴ “*Quarto de despejo: diário de uma favelada* é a primeira e mais conhecida obra da escritora Carolina Maria de Jesus. O impacto causado pelo diário na mídia e em setores do meio literário nacionais deve-se, sobretudo, à experiência social narrada como testemunho pela autora. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus transfere-se para São Paulo em 1937, onde trabalha como catadora de lixo. Em 1955, inicia a produção do diário, em que registra sua vida na favela do Canindé.” (Itaú Cultural, 2025, s/p)

brasileira, que se identificava com as personagens narradas pela autora. Esse foi o caso de Evaristo (2009): “Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nos conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar.” (s/p). Neste período, Dona Joana, mãe de Conceição, inspirada pelo diário de Carolina, registrou também em forma de diário, as dificuldades e misérias que sofria em seu cotidiano na periferia mineira - “mulher de pouca leitura, mas de muita sabedoria, de muita palavra, de muita capacidade de observação da vida. Sem sombra de dúvida, a minha literatura nasce muito dessa experiência, dessa convivência, desses ensinamentos.” (s/p).

E, como ela mesma afirma sobre sua escrita: “[...] a aprendizagem da escrita está na vida [...]” (Evaristo, 2020a, p. 34). Sendo que, simbolicamente, os primeiros traços de sua escrita estão ligados à lembrança da mãe, que teve um papel marcante nesse início, ainda antes de sua entrada na escola. É dela que guarda a principal memória associada ao ato de começar a escrever. Sendo que, o primeiro sinal gráfico de que se recorda, se trata de uma simpatia que a mãe, lavadeira, fazia para atrair o sol quando chovia: ela desenhava o símbolo do astro no chão de casa, na esperança de que a chuva cessasse, e as roupas pudessem secar - “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (p. 48).

O contato com a literatura em sua infância, se deu sobretudo através da tradição de narrativa oral perpetuada principalmente pelas mulheres de sua família, que apesar de em sua maioria serem semi-alfabetizadas, se encantavam pelo mundo da leitura e escrita, e em conjunto folheavam os poucos materiais impressos que habitavam o espaço. Foi com elas que aprendeu a observar o mundo com profundidade, desenvolvendo o olhar que mais tarde se tornaria base de sua escrita: um modo de resgatar o vivido e eternizar o efêmero - “E desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido.” (Evaristo, 2009, s/p).

Outra grande influência dos familiares, é a oralidade, que orienta todo seu projeto literário, que busca se aproximar da linguagem falada tendo um cuidado estético com a palavra. Ela se sente profundamente atraída pela expressividade da voz e do corpo nas

narrativas orais, lembrando com afeto das histórias contadas por familiares, marcadas por gestos, pausas e entonações que compõem uma verdadeira poética da fala (Evaristo, 2020c).

Ainda sobre sua mãe, sempre cuidadosa e determinada a garantir que os filhos aprendessem a ler, matriculou-os em escolas públicas que eram longe de casa, frequentadas em sua maioria por crianças da classe alta de Belo Horizonte. Foi em um ambiente escolar desigual, onde práticas pedagógicas favoreciam uns e excluíam outros, que Evaristo tomou consciência, de forma mais intensa, de sua condição de menina negra e pobre. Convivia com uma estrutura escolar que separava e hierarquizava os alunos, sendo que, ela, seus irmãos e as outras crianças pobres, eram colocadas para ter aula no porão do prédio - “Porões da escola, porões dos navios.”. Apesar disso, destacou-se pela dedicação e pelo espírito questionador, o que lhe rendeu tanto críticas quanto admiração por parte dos professores. A presença firme da mãe, que enfrentava o silêncio imposto às mães pobres e não hesitava em se manifestar nas reuniões, foi essencial nesse processo (Evaristo, 2009).

Na escola, gostava de escrever redações que lhe permitiam imaginar experiências que não vivia, usando a ficção como forma de escapar das limitações da pobreza - “único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos” (Evaristo, 2009, s/p). Apesar das dificuldades, cultivava esperança e percebia que a vida não se resumia à escassez que a cercava:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. (Evaristo, 2020a, p. 53)

Acerca de suas primeiras lições de negritude, Evaristo (2009) contou ter aprendido muito com seu tio Osvaldo, que morou com ela durante um período de sua infância. Ele era poeta e artista plástico, trabalhava como servente na Secretaria de Educação e foi sempre um consciente crítico da condição do negro brasileiro. Esses primeiros aprendizados formaram uma base importante para a construção de sua consciência racial. E foi aos 17 anos que passou a se envolver ativamente em debates sobre o cenário social do país, especialmente por meio da Juventude Operária Católica (JOC), um movimento de jovens que propunha uma aproximação crítica da Igreja com a realidade social brasileira. Anos mais tarde, na década de 1970, após sua mudança para o Rio de Janeiro, as questões étnico-raciais passaram a ocupar um lugar central e aprofundado em suas reflexões e militância.

Em 1973, após concluir o Curso Normal⁵ e enfrentar um período de dificuldades agravado pelo plano de desfavelamento em Belo Horizonte, Evaristo se mudou para o Rio de Janeiro com o apoio de amigos, depois de ser aprovada em concurso para professora primária. Sem oportunidades de exercer a profissão em sua cidade natal - onde as indicações e os laços com famílias influentes ainda definiam acessos, viu na mudança uma chance de reconstruir a vida (Evaristo, 2009). Na nova cidade, concluiu a graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e trabalhou como professora na rede pública de ensino. No meio acadêmico, obteve o título de mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e posteriormente realizou doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), dedicando-se ao estudo da poética afro-brasileira e africana (UFMG, [s.d.]).

Já consolidada enquanto escritora, com uma trajetória literária diversificada, publicou seus primeiros contos e poemas nos *Cadernos Negros*⁶ em 1990. Desde então, sua obra tem sido marcada pelo conceito de Escrivivência, expressão que ela mesma cunhou para definir uma escrita que reflete as vivências da população negra (UFMG, [s.d.]). A escritora dedicou-se ao estudo dos diversos aspectos da literatura afro-brasileira de forma multifacetada, utilizando-se da poesia, do romance e do ensaio. Destaca-se que, embora o Brasil seja o país com a maior população negra fora da África, somente a partir dos anos 2000 houve a legitimação das produções literárias que abordam a realidade do negro brasileiro. Nesse contexto, a autora, junto a outros escritores, atua para valorizar e preservar os elementos culturais da população negra que contribuíram para a formação da diversidade brasileira (Santos e Cordeiro, 2021).

A produção de Evaristo têm um importante lugar na literatura brasileira contemporânea, sendo que promove uma ressignificação dos espaços periféricos ocupados pelos negros, representando, literariamente por meio de suas produções, as pessoas que estão socialmente à margem da sociedade. Sobretudo, refletindo a situação de vulnerabilidade à qual as mulheres negras estão expostas desde suas infâncias, contemplando contudo narrativas que vão para muito além do sofrido, transcendendo o lugar de marginalidade, resgatando suas identidades e versando realidades que escapam às narrativas coloniais,

⁵ O Curso Normal é a antiga formação de nível médio voltada à preparação de professores para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. (Brasil. Conselho Nacional da Educação, 1999)

⁶ Desde 1978 fomenta a produção literária afro-brasileira, com a publicação de contos e poemas, proporcionando espaço e visibilidade para autores afrodescendentes, se constituindo enquanto uma fonte rica de veiculação cultural e de pensamento dos afro-brasileiros. (Quilombhoje, [s.d.])

perante a estrutura social que valoriza a cultura supracista branca (Lima, Morais e Silva, 2019). Sua voz dialoga estreitamente com a de outros poetas e escritores que, que partem do corpo-história para construção de suas narrativas, e contribuem para a construção da literatura afro-brasileira (Santos e Cordeiro, 2021).

Foi na segunda década do século XXI, que sua produção literária alcançou amplo reconhecimento no cenário nacional, sendo que em 2015 conquistou o Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas com o livro *Olhos d'água* (2014). Em 2017, foi tema do Projeto Ocupação, realizado pelo Itaú Cultural; e em 2019, foi homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti (Pinto-Bailey, 2021). Atualmente é reconhecida nacional e internacionalmente, com a sua produção literária sendo estudada em diversas universidades e escolas, não apenas no âmbito literário, mas também em áreas como a história, psicanálise, direito, entre tantas outras. (Nunes, 2020)

Contudo, é de se considerar que seu reconhecimento se deu tardiamente, apenas aos seus 71 anos. Em entrevista para a BBC (2018), Evaristo falou sobre as barreiras históricas que atravessam a inserção de escritoras negras no campo literário brasileiro, denunciando a resistência das instâncias legitimadoras diante de uma produção que reivindica a voz e a subjetividade negra. Nesse sentido, sua crítica recai sobre o caráter excludente de uma lógica que, por séculos, permitiu apenas que os brancos narrassem a respeito da população negra, silenciando a produção intelectual advinda desse grupo:

Conforme os pensamentos e discursos hegemônicos dessa sociedade, os negros tiveram de, ao longo da história, contentar-se com posições subalternas no que concerne à sua organização ideológica, cultural e, principalmente, política, sendo, desse modo, negando-lhes o direito ao pensamento crítico e, conseqüentemente à atuação discursiva e intelectual - resquício de uma sociedade escravista. (Lima, Morais e Silva, 2019, p. 170)

Para além de seus méritos literários, Evaristo se destaca como figura ativa no movimento negro e mantém presença ativa em eventos literários e acadêmicos, nos quais compartilha reflexões tanto sobre sua obra ficcional quanto sobre sua produção intelectual. Sua escrita - que transita entre a criação literária e a crítica social - é atravessada por um compromisso com a memória, a ancestralidade e a afirmação da identidade afro-brasileira, sobretudo no que diz respeito às experiências das mulheres negras. A narrativa que constrói, tanto na poesia quanto na prosa, emerge de um lugar íntimo mas também coletivo, onde vivências pessoais se entrelaçam às memórias transformadas em ficção (Pinto-Bailey, 2021). Como ela mesma destaca:

Há uma voz hegemônica que quer ser paradigma de tudo. Mas isso não significa que o povo não criou, ou não cria, as suas vozes, as suas utopias. Essas vozes, essas utopias, essas formas de reação, essas táticas, elas sempre existiram. Se não existissem, a herança africana que marca a nacionalidade brasileira não existiria, já teria sucumbido. Na música, na poesia, na literatura, nas religiões afro-brasileiras, em sindicatos, em associações de moradores, essas vozes sempre se pronunciaram. Mas por mais que uma voz hegemônica queira comandar, a água escapole entre os dedos. Você não segura. Não retém a força da água. Então o povo também encontra maneiras de se afirmar, de falar, de dizer. (Evaristo, 2018, s/p)

1.2 A Escrevivência e suas vozes

[...] uma produção de escrevivência, em que o ato de escrever se dá profundamente cumpliciado com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade. (Evaristo, *apud* Nunes, 2020, p. 18)

Para Evaristo (2020a), escrever implica um dinamismo inerente ao agente da escrita, permitindo-lhe inscrever-se no interior do mundo por meio de sua produção textual. Contudo, este recurso extrapola o momento de materialização, indo além da ação empunhada da mão sob o papel, empreendendo e envolvendo outras relações e partes do corpo: “Tudo começa nos ouvidos, acumula-se na mente, extravasa pela boca ou pelas mãos em palavras e histórias.” (Esteves, 2024, p. 66).

No contexto da Escrevivência, esse gesto adquire uma dimensão ampliada: a pessoa escreve a si próprio, tornando-se, simultaneamente, realidade ficcional e matéria inventiva de sua própria escrita. No entanto, ao narrar-se, essa pessoa transcende a individualidade, recolhendo também vivências e histórias do entorno. Dessa forma, a Escrevivência configura-se como uma prática narrativa que, embora parta do eu, não se encerra nele, ela se projeta para o coletivo, abrangendo experiências compartilhadas e memórias comunitárias - “Em sua escrevivência, literatura e vida de mulheres negras se fundem numa voz que conta e canta, poeticamente, as experiências únicas e intransferíveis, registradas no espaço da escrita, da arte de outras vida.” (Godoy, 2025, p. 9).

Retomando a origem do termo, ele surge durante a pesquisa de mestrado de Evaristo, em 1994, despontado por um jogo de palavras: “escrever” e “viver”, “se ver”. O interesse em tratá-lo como conceito tem ganhado força com as discussões no campo da literatura afro-brasileira, sobretudo a partir da recorrência do termo em artigos, dissertações, teses e na análise das obras da autora - a exemplo: o livro *Escrevivência: a escrita de nós - reflexões*

sobre a obra de Conceição Evaristo (2020), que foi muito usado para o desenvolvimento deste trabalho, é uma iniciativa do Itaú Social, lançado juntamente a um seminário promovido para ampliação do debate sobre o conceito, sendo composto por uma coletânea de artigos; e o livro recém lançado, que será considerado em investigações futuras, *Escrevivências: Diálogos com a psicologia e psicanálise* (2025), que reúne também diversos textos, estes mais voltados à práticas de pesquisa e intervenção com a Escrevivência fazendo interface com a Psicologia.

Ainda assim, Evaristo afirmou, em entrevista ao Nexo Jornal em maio de 2017, que quando utilizou a palavra pela primeira vez, não tinha a intenção de criar um conceito, reforçando o vínculo entre sua produção literária poética e ficcional e as experiências vividas, seja por ela mesma ou pelas personagens que narram seus contos e romances (Fonseca, 2020).

Em seu cerne, ao pensar a Escrevivência, Evaristo (2020a) fundamentalmente propõe um caminho inverso àquele das mulheres negras escravizadas, aproximando-se das Mães Pretas que contavam histórias para as crianças da casa-grande, e tinham seu poder enunciativo controlado - “Trago outro tratamento, outra construção para essas personagens negras, assim como outro olhar para uma outra ambiência social negra.” (p. 40). Nesse sentido, partindo fundamentalmente desse histórico, busca ressignificar e desfazer essa imagem do passado, propondo uma escrita que emerge de uma autoria negra, especialmente feminina, em que as mulheres se apropriam do escrever para contar suas próprias histórias, ao invés de narrar para o outro:

É assim que as mulheres, nós mulheres negras, buscamos formas de ser no mundo. De contar o mundo como forma de apropriamo-nos dele. De nomeá-lo. De nommo, o axé, a palavra que movimenta a existência. É assim que Conceição Evaristo inventa este mundo que existe. (Werneck, 2016, p.14)

Fonseca (2020) destaca que a escrita literária produzida por mulheres negras percorre os cenários da escravidão e das comunidades formadas por descendentes de pessoas escravizadas, buscando recuperar a tradição africana de contar e cantar como forma de resistência e preservação cultural. Nesse sentido, Evaristo afirmou, em entrevista a Fonseca, que essa literatura assume um procedimento que funciona, muitas vezes, como assunção daquilo que foi reprimido e silenciado pela história. E sobre isso ainda, Santos e Cordeiro (2021) consideram que

Poder falar sobre si, suas sensibilidades e subjetividades, coloca o sujeito racializado como protagonista da própria história, não enquanto objeto de análise refém do olhar do outro, mas porta-voz consciente da ruptura histórica que está estabelecendo com o ato. A memória aqui é o elemento de maior força na recuperação dessa afrobrasilidade herdeira dos valores da Mãe África, pois é na significação do movimento fluido entre passado e presente que se atribui um valor à memória e, consequentemente, à identidade do sujeito. (p. 299)

A confluência temporal é uma das marcas das obras evaristianas, em cuja produção o passado é constantemente revisitado pela memória para construir o presente. Movimento esse, que possibilita a (re)escrita da história da negritude no Brasil, recuperando inclusive a tradição oral característica das comunidades africanas. Ao utilizar a história coletiva, a poeta e escritora reafirma seu compromisso de reconstruir uma imagem da negritude que não se inicia na escravidão. Com uma poética sensível e dinâmica, ela denuncia as estruturas de exclusão que continuam a recair sobre a população negra, embora convocando múltiplas “vozes-mulheres”, cada uma à sua maneira, ao exercício de retecer essa existência como uma “guardiã da voz de diversas mulheres silenciadas, minorizadas e estereotipadas dentro de uma sociedade de herança colonial.” (Santos e Cordeiro, 2021, p. 301) - “E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não.” (Evaristo, 2020a, p. 30).

Deste modo, as personagens de Evaristo (2020a) são figuras ficcionais que se entrelaçam com sua própria vida - “essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença.” (p. 31). Sendo representadas de um modo que extrapolam a pobreza, a racialização, as experiências de gênero e a cis-heteronormatividade. A ficção, nesse sentido, não se dissocia da realidade, visto que a construção existencial das personagens muitas vezes está vinculada a sofrimentos e traumas, que são incorporados nas narrativas, mas refletem as complexas intersecções de identidade e pertencimento, configurando histórias também de luta e resistência (Luz, Silva e Argollo, 2025). Nas palavras da autora:

Na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir, entre nós, era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista — primeiro a dos patrões, depois a dos homens de suas famílias —, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distante e independente de seus homens, para depois, inclusive, apoiá-los. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto

sobre isso, não afirmo. Afirmo, porém, que foi desse tempo e espaço que aprendi, desde criança, a colher as palavras. (Evaristo, 2020, p. 52)

Santos e Cordeiro (2021) destacam essa cumplicidade da autora, pela escuta, que configura-se como elemento vital de suas obras, uma vez que, sua escrita não se constrói exclusivamente a partir de sua própria voz ou de experiências pessoais, mas se alimenta das múltiplas vozes femininas com as quais entrou em contato ao longo de sua trajetória - “[...] revelando “o quase gozo da escuta”, de gostar de ouvir a “voz outra”, de sentir, de fazer as histórias se (con)fundirem com sua própria história, de inventar e de continuar no “premeditado ato de traçar uma escrevivência” (Nunes, 2020, p. 11). Nesse processo, as narrativas acabam por se entrelaçar e, em determinado momento, tornam-se indistintas, em razão da natureza instável e fragmentária da memória humana:

[...] o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. (Evaristo, 2009, s/p)

Ainda, ao refletir sobre sua produção literária, Evaristo (2020a) reconhece que embora parta de uma experiência específica, da afro-brasilidade, é capaz de elaborar um discurso que alcança uma dimensão de universalidade humana, “para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que espera a heteronormatividade” (Evaristo *apud* Nunes, 2020, p. 15). Sinalizando que vivências particulares possuem a potência de convocar pessoas de variados contextos sociais e culturais.

1.3 Narrativas de resistência em “*Insubmissas lágrimas de mulheres*”

Líbia Moirã, das mulheres com quem conversei, foi a mais reticente em me contar algo de sua vida. Primeiro quis saber o porquê de meu interesse em escrever histórias de mulheres, em seguida, me sugeriu se não seria mais fácil eu inventar as minhas histórias, do que sair pelo mundo afora, provocando a fala das pessoas, para escrever tudo depois. Das provocações que Líbia Moirã me fez, respondi somente à última. - Eu invento, Líbia, eu invento! Fala-me algo de você, me dê um mote, que eu invento uma história, como sendo sua... (Evaristo, 2024, p. 87)

Aqui se fez relevante tomar de exemplo alguma produção literária de Conceição Evaristo, a fim de colocar em evidência os fundamentos de sua produção literária, os entrelaçamentos da ficção com a realidade, para adiante articular as ideias de Escrevivência e narrativa. Em muitas de suas obras, ela manifesta a própria experiência de testemunho e de

narração, como é o caso do livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2024), em que a narradora-personagem começa dizendo algo que se aproxima muito do que Evaristo declara sobre sua escrita, algo que já foi discutido neste capítulo e que nos dá a entender que ela é a própria personagem, fazendo “uma dedicatória às suas personagens e à Escrevivência” (Nunes, 2020, p. 11):

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar [...] Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (Evaristo, 2024, p. 7)

A partir dessa abertura, a narradora-personagem, se coloca enquanto a autora do livro, sendo que Evaristo (2020a), produz e configura nessa figura a percepção de que se trata de uma mulher negra, que entrevista e conta em 13 contos a história de outras 13 mulheres negras. Tecendo uma narrativa na qual é a interlocutora delas, durante uma visita, as histórias começam despontando um nível de intimidade e interesse dela sobre cada uma das mulheres, as quais nomeia, sobretudo convocando quase uma fusão sua com os relatos, do passado com o presente. Com naturalidade e fluidez troca-se locutor e interlocutor em alguns momentos, criando um clima narrativo que se faz e sustenta desse encontro presente e curioso, que resgata vivências passadas, evidenciando uma tentativa de preservação da memória, conduzida por uma narradora que se mostra atenta em ouvir e recolher histórias para registrá-las na escrita, mas “Para que haja essa troca quase ritualística entre a ouvinte e a narradora ocorre, inicialmente, a identificação e a empatia entre mulheres negras.” (Godoy, 2024, p. 4).

Cada conto constitui uma trama de diferentes afetos entre a narradora-ouvinte e a mulher que vos fala. Sendo o material do livro composto desse encontro entre mulheres, que são afetadas pela presença uma da outra - “No momento em que as protagonistas dos contos ganham voz, temos a sensação de que suas falas são compartilhadas, como se conversassem entre si, devido à coerência quanto aos seus relatos [...]” (Lima, Morais e Silva, 2019, p. 174). Tomo a título de exemplo, quando a narradora vai de encontro a “Mary Benedita”:

Não imaginei, entretanto, que ela, mal sabendo que uma ouvinte de histórias de suas semelhantes havia chegado à cidade, tivesse vindo tão rapidamente à minha procura, para atender ao meu afã de escuta. Tímida, porém determinada, foi logo dizendo que precisava me contar algo de sua vida. Viera para me oferecer o seu corpo/história. Cansada ainda da viagem empreendida na noite anterior, deitei meu cansaço fora, no mesmo instante em que ela me expôs a sua intenção. (Evaristo, 2024, p. 69)

A narradora, por vezes, se identifica com o que escuta: “...narrando uma história particular de vida, na qual, em muitas passagens eu escutava não só a dela, mas também a de muitas mulheres do meu clã familiar.” (Evaristo, 2024, p.128), conforme manifesto no conto “Regina Anastácia”. Assim como, quando admite que “Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente” (p. 95).

A relevância adquirida pela posição da ouvinte nas narrativas desses contos demonstra respeito à voz e à experiência alheias, aliadas à identificação com as dores vividas no corpo de mulher negra. Ao mesmo tempo, representa peculiaridades da construção narrativa de alguém que conhece suas tradições e traz a singularidade do encontro de duas histórias: a da ouvinte griot, desejosa de conhecer o relato, e da vivência da protagonista, ansiosa por compartilhar sua trajetória. Ambas condensadas na escrevivência de Conceição Evaristo. (Godoy, 2025, p. 8)

As protagonistas, “[...] em meio aos percalços da vida, tem a consciência de ser sujeito de sua própria história [...]” (Lima, Moraes e Silva, 2019, p. 174), ao relatarem dores e alegrias simultâneas, rememoram descobertas da feminilidade e da maternidade, atos violentos contra seus corpos, reencontros com suas origens na infância ou na arte, e experiências atravessadas por conflitos oriundos da pobreza, do preconceito e da condição de serem mulheres negras. Ainda que, “[...] passam a ser (re)criadoras de sua trajetória, ao negarem imposições características dessa construção histórica patriarcal em que seu espaço foi definido pelo outro.” (Godoy, 2025, p. 7), ou seja, também configura-se como um eixo temático recorrente na obra, a possibilidade de mudar o rumo de uma história de vida que, à primeira vista, parecia previamente definida.

E foi justamente respondendo a uma provocação da pesquisadora Edileuza Penha, que questionava se a vida das mulheres negras seria marcada apenas pela tristeza e pela ausência de finais felizes que Conceição Evaristo escreveu *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2024). Na proposta de inverter a narrativa do sofrimento, onde as mulheres negras, embora passem por intensos processos de dor e trauma, já estão em um momento de êxito e superação, narrando suas memórias depois de terem saído da tormenta do sofrimento (Evaristo, 2020b).

Em “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, a protagonista que dá nome ao conto, viveu um período traumático inaugurado em sua infância, que deixou marcas em sua memória - “Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades...” (Evaristo, 2024, p. 48). Sendo que, ao longo deste conto, a protagonista narra seu processo de como foi compreendendo o que havia acontecido com ela no decorrer do tempo - “A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificado. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa.” (p. 52). Lima, Moraes e Silva (2019) destacam aqui a relevância do poder discursivo que Maria do Rosário manifesta por meio de sua narrativa, instigando o leitor a adentrar na sua história narrada e, assim, a projetar possíveis desfechos:

Por isso, há, sutilmente, na fala das personagens, a indicação de que o tempo que lhes fora furtado não volta mais, ao contrário, inscrevera-se em suas histórias de vida como um evento indesejado, por isso dolorido, e lhes impunha um destino onde a infância já não teria o mesmo significado. (p. 175)

De igual modo, Godoy (2025), enfatiza que os tempos da narração e da história se entrelaçam sutilmente, acrescentando ainda, que a cena rememorada do passado, apresentada pela mulher que vivenciou o acontecimento central da narrativa, confere ao relato não apenas uma maior impressão de veracidade, mas também constitui o modo pelo qual a narradora enfatiza a importância de ceder espaço àquela voz que precisa, de fato, ser ouvida - “a narradora permite que elas sejam, pelo breve espaço de um conto, participantes da criação artística.” (p. 7). Isto fica explícito neste trecho de Evaristo (2024): “Tenho vivido muito sozinha - foram essas as primeiras palavras de Lia Gabriel - há muito tempo tenho tido desejos de falar para alguém esse episódio de minha vida. Boa hora a de sua chegada, eis um pouco de minha história e da de meus filhos:” (p. 95).

Feita essa exposição, torna-se possível considerar a relevância das Escrivências de Conceição Evaristo não apenas no campo literário, mas também para percebermos sua aproximação com a Psicologia: “Isso porque o texto literário possibilita a entrada nos problemas da vida e a percepção da complexidade do mundo e dos seres” (Luz, Silva e Argollo, 2025). Ao evidenciar experiências e possibilidades de resistência frente à violência, sua obra ilumina processos que atravessam o viver humano e que dizem respeito diretamente à constituição psíquica e social das mulheres, como demonstrado no conto “Isaltina Campo

Belo”: - “Foi então que me descobri mulher igual a todas e diferente de todas que estavam ali [...] Busquei o olhar daquela com quem eu aprenderia a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma. (Evaristo, 2024, p. 66). E nesse sentido, a importância de saber ouvir e dar lugar à voz da experiência ganha centralidade, o que se aproxima de práticas psicológicas, que reconhecem a narrativa como espaço de memória, elaboração e construção de sentido:

E foi tudo tão espontâneo, que me recordei de algo que li um dia sobre o porquê de mulheres negras sorrirem tanto. Embora o texto fosse um ensaio, lá estavam Isaltina e eu, como personagens do escrito, no momento em que vivíamos a nossa gargalhada nascida daquele franco afago. E quando os nossos risos serenaram, ela me agradeceu pelo fato de eu ter passado pela casa dela, para colher a sua história. (Evaristo, 2024, p. 55)

CAPÍTULO 2

2.1 A vivência que permeia o pensamento de Hannah Arendt

Irei expor brevemente a biografia de Hannah Arendt, já que sua trajetória constitui um ponto de partida interessante para a compreensão de seu pensamento, permitindo vislumbrar algo de seu “quem” - aquilo que se revela em sua singularidade e que ultrapassa as simples definições sobre o que ela foi (Freitas, 2014).

De origem judaica, Hannah Arendt nasceu em Hanover, na Alemanha, no ano de 1906, e foi criada na cidade natal de sua família, em Königsberg. Sua família era de classe média-alta, membros do partido social-democrático, sendo os seus pais, da primeira geração de profissionais judeus alemães agnósticos, politicamente liberais. Seu pai faleceu quando ela tinha 7 anos, sendo sua mãe, Martha Cohn Arendt, a grande responsável por sua educação e incentivo ao seu desenvolvimento intelectual (Brito, 2020; Lafer, 1997; Perrone-Moisés, 2018).

Foi criada dentro de uma atmosfera intelectual, sendo que desde a tenra infância, demonstrou brilhantes capacidades de inteligência e comunicação. Desde cedo acompanhava sua mãe a clubes políticos e manifestações de rua, sendo instruída a observar atentamente e a guardar na memória aqueles acontecimentos históricos. Aos 16 anos lia Kant e já sabia grego e latim. Aos 17, escrevia poemas. Era considerada também desde cedo, com uma independência e rebeldia, que anos mais tarde foi comprovada quando expulsa da escola por liderar um boicote contra um professor que a teria insultado. Depois disso, ela se preparou sozinha para o ingresso na faculdade (Freitas, 2014; Lafer, 1997; Perrone-Moisés, 2018).

Ao ingressar na vida acadêmica, em 1924, Arendt estudou filosofia em Marburgo, onde se aproximou de Heidegger e da evolução do pensamento fenomenológico que estava sendo renovado por ele naquele momento, sendo que, à nível intelectual ela comungou “[...] com Martin Heidegger quanto ao entendimento da função da linguagem como preservação e revelação. Daí o seu permanente interesse pela literatura e o seu encanto com a poesia e com os poetas.” (Lafer, 1997, p. 238). Além de ter sido sua aluna, tiveram um relacionamento amoroso que deixaria marcas duradouras em sua vida. Se afastaram no início da década de 30, pela aproximação de Heidegger com o nazismo (Lafer, 1997).

Em 1929, sob orientação de Karl Jaspers, defendeu sua tese de doutorado sobre o conceito de amor em Santo Agostinho. Mas mais do que isso, se tornou sua discípula e cultivaram uma amizade até o fim da vida, com colaborações intelectuais intensas. Com ele,

[...] encontrou uma personalidade de excepcional estatura moral, em plena maturidade intelectual [...] que através de sua atitude exemplar nos tempos obscuros dos desastres morais do nazismo, permitiu a Hannah Arendt, posteriormente, reconciliar-se com aquela dimensão da tradição germânica que era legitimamente sua. (Lafer, 1997, p. 238)

Logo depois, Arendt iniciou sua tese de habilitação para se tornar docente na Alemanha, voltando-se para os românticos alemães, sobretudo para a vida de Rahel Varnhagen, uma judia prussiana que buscou assimilação na alta sociedade e com quem Arendt sentiu profunda afinidade. Estudar Varnhagen permitiu-lhe refletir sobre a questão judaica e reagir ao antissemitismo crescente (Brito, 2020). Ademais, ainda nesse período, datam suas primeiras leituras de Marx e Trotsky, bem como atenção à cena contemporânea (Lafer, 1997).

Em 1931 escreveu uma resenha sobre o livro *O problema contemporâneo da mulher*, de Alice Rühle-Gerstel, na qual questionou a efetividade de um movimento isolado de mulheres. Arendt buscava dar atenção às discriminações políticas e jurídicas específicas sofridas pelas mulheres, mas de modo que essa análise fosse abrangente o suficiente para inserir a condição feminina no contexto mais amplo dos grupos sociais cuja igualdade se encontrava comprometida (Lafer, 1997).

Com a ascensão nazista e as primeiras leis antissemitas de 1933, Arendt afastou-se da academia, julgando que os intelectuais se prendiam às suas próprias construções, e buscou atuação prática no mundo. Engajou-se em grupos sionistas e denunciou o antissemitismo na Alemanha, chegando a ser presa por oito dias. Após sua libertação, fugiu para a França com seu primeiro marido, Günther Anders, que conheceu na faculdade de filosofia, e assim, iniciou sua longa trajetória como apátrida⁷ (Brito, 2020; Perrone-Moisés, 2018).

Com Anders, que era um intelectual doutorado em Husserl, ficou casada de 1929 a 1936, entrou em contato com pessoas do Partido Comunista de Berlim - círculo que complementava os contatos dos círculos sionistas dos quais já fazia parte. Anders também a apresentou à Walter Benjamin, de quem era primo distante. E em Paris, Arendt desenvolveu

⁷ A experiência de Hannah Arendt como apátrida (sem nacionalidade) após fugir da Alemanha moldou profundamente suas reflexões sobre o “direito a ter direitos” e a essencialidade da cidadania para a garantia dos direitos humanos. (Perrone-Moisés, 2018)

atividades intelectuais e políticas, estreitando laços com Benjamin e outros pensadores, sendo que começou a fazer parte de um grupo de estudos de pessoas formadas na escola marxista da teoria e da práxis. Durante esse período, separou-se de Anders, que partiu para os EUA, e casou-se com o anarquista Heinrich Blücher, que conhecera em 1936 e na ocasião era um refugiado político. Blücher exerceu forte influência sobre a vida e obra de Arendt, tendo em vista que previamente a ele, sua preocupação política se concentrava na questão judaica. E a partir dele, e de seu pensamento político - de militante de esquerda, de observação histórica e visão cosmopolita - passam a integrar suas reflexões, sobretudo um entusiasmo pela tradição revolucionária. Ficou casada com ele até 1970, quando se tornou viúva. (Brito, 2020; Lafer, 1997).

Ainda na época em que esteve em Paris, trabalhou ativamente em grupos sionistas que buscavam resistir à ameaça nazista. Mas, com a invasão da França em 1940, foi detida temporariamente no campo de concentração de Gurs, perto da fronteira espanhola, até que conseguiu fugir e se estabelecer em Nova York, onde viveu o restante da vida (Brito, 2020).

Nos Estados Unidos, ela reconstruiu sua carreira, publicou obras que definiriam seu pensamento político e lecionou em muitas universidades do país. Sua consagração pública veio em 1951, ano em que obteve a cidadania norte-americana e publicou a seminal obra *Origens do Totalitarismo*, sua primeira obra de filosofia política, à quem dedicou para seu marido Blücher - “[...] consideravam esse livro como o filho que as dificuldades da vida e a condição de refugiados os impediram de ter quando mais jovens.” (Lafer, 1997, p. 243). Nesse livro, Arendt tinha o propósito de compreender e resistir ao fardo que os regimes nazista e stalinista haviam imposto à humanidade, tornando a compreensão o centro de sua reflexão. Nesse sentido, Arendt desenvolveu a tese de que o fenômeno totalitário causou uma ruptura tão radical com a tradição ocidental que os conceitos vigentes se tornaram inadequados para compreendê-lo, e deste modo tentou fazer “[...] uma consideração histórica acerca dos elementos que se cristalizaram no totalitarismo – retirando do passado fragmentos que possam ser alinhavados em uma narrativa com significado.” (Brito, 2020, p. 16). A obra demonstrou ainda, que após a Primeira Guerra Mundial, os direitos humanos se provaram ineficazes quando desvinculados da cidadania. Ela alertou que, sem um Estado que os garantisse, os refugiados e minorias nacionais, tidos como os “indesejáveis da Europa”, eram reduzidos a uma categoria de “sem-direitos”, perdendo qualquer tipo de amparo estatal (Brito, 2020; Perrone-Moisés, 2018).

Como professora em 1967, na New School for Social Research em Nova York, ministrou o curso “Experiências políticas do século XX”, no qual “tinha como objetivo reconstituir a experiência hipotética de um indivíduo, nascido na virada do século, e as suas relações com as esperanças da tradição revolucionária e desilusões dos “tempos sombrios” do mundo contemporâneo.” (Lafer, 1997, p. 244). Essa foi mais uma homenagem à Blücher, às suas vivências e reflexões. E por fim, sua morte foi em dezembro de 1975, em Nova York, por um ataque cardíaco. Contudo, sua obra segue sendo reconhecida no mundo inteiro, especialmente, por suas contribuições à compreensão dos fenômenos totalitários, embora muitas outras de suas reflexões tenham sido tão originais e necessárias, como é o caso da escolha aqui feita por se debruçar em seu entendimento acerca da condição humana, especialmente, sobre sua compreensão para “narrativa”.

2.2 Narrativas que carregam um sentido de ser

Estando originariamente associada ao pensamento fenomenológico, sob influência principalmente de Husserl, Heidegger e Jaspers, ela ressignifica a compreensão do humano, considerando o que ela chama de condições humanas (Critelli, 2022). O homem vive atravessado por e em resposta a tais condições, que exercem influência entre si, e se constituem em conjunto, sob processos nos quais as pessoas ao se relacionarem com o mundo, exercem certas atividades que são inexoráveis, às quais não podem renunciar nem escolher deixar de realizar. E essas atividades humanas, podem ser da esfera da *vida ativa* e *vida contemplativa* - ou *vida do espírito* (Critelli, 2022;).

As condições humanas servem enquanto guias para compreender os fenômenos, por indicarem as circunstâncias existenciais na qual os homens por meio de seus atos e palavras, determinam-se a si mesmos e entre si. (Critelli, 2022). O fato das pessoas serem condicionadas desde seu nascimento, indica uma origem de onde a vida parte, e não um determinismo (Walckoff, 2016).

Critelli (2022) nos ajuda a esclarecer quais são as sete das condições humanas que, segundo arendt, circunstanciam a vida dos homens, sendo a primeira delas: a Terra, o planeta enquanto condicionador da criatura que somos, da nossa possibilidade de vida (aparência, movimentos...); a segunda seria a vida biológica, como o processo cíclico dado pelo nosso corpo biológico e a natureza que nos cerca; a terceira, mundanidade, é o artificial que produzimos sobre o ambiente natural; a quarta, pluralidade, é o viver em conjunto com os

outros, e que indica o que há de singular e particular em nós, ou seja, nessa possibilidade nos diferenciamos - individualidade - e estabelecemos nossa identidade; a quinta é a natalidade, sendo a circunstância de que todos nós somos uma novidade ao longo de nossa existência e temos a capacidade de inovar; a sexta é a mortalidade, que se desenvolve a partir da última, sendo a condição de encerramento da vida biológica, o fim de uma biografia; e por fim, a sétima é o condicionamento⁸, sendo a mais básica e geral, por co-determinar as outras, na medida em que a nossa existência acontece em correspondência às circunstâncias históricas, culturais, econômicas e políticas, estando elas expostas à ação humana que é capaz de mudá-las a qualquer momento - “Diz Arendt que tudo o que aparece em nosso meio e dura certo tempo entre nós torna-se nossa nova condição de existência.” (p. 58).

Arendt (2008) considera as condições da Terra, natalidade e mortalidade, as mais genéricas das condições humanas, enquanto vida biológica; já mundanidade e pluralidade são as mais específicas, por demandarem atividades determinadas e pertencem à esfera da *vida ativa*, por se darem diretamente no mundo.

A vida biológica requer intervenções humanas para garantir sua integridade, suprimindo suas necessidades básicas e vitais por meio do labor, a atividade humana, a qual Arendt determina que tem como finalidade a de “preservação da vida individual e da espécie e a satisfação das necessidades vitais.” (Critelli, 2022, p. 59). Já a condição da mundanidade, que tem por vocação a construção artificial do mundo e seus objetos, demanda a atividade humana denominada trabalho, de criação de artefatos duradouros, tanto para uso quanto contemplação - como obras de arte (Critelli, 2022), “É como se a estabilidade humana transparecesse na permanência da arte (Arendt, 2008, p. 181). E a pluralidade, cuja finalidade consiste na constante negociação das condições, estruturas, normas e demais aspectos que regem a vida em comum, demanda a atividade ação, sendo a única atividade que não pode ser feita individualmente (Walckoff, 2016) e que tem duração efêmera, “duram o tempo de seu exercício ou pronunciamento (Critelli, 2022, p. 60).

O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação na medida em que se empenha em fundar e

⁸ “[...] todas as demais condições humanas são codeterminadas pelo fato de homens serem entes condicionados, ainda que não de modo absoluto.” (Critelli, 2022, p. 58, nota de rodapé)

preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. (Arendt, 2008, p. 16)

A ação se vincula também à condição da natalidade, considerando a capacidade humana, em sua biografia, e da humanidade, na história do mundo, de iniciar novos movimentos que rompem com a linearidade e com a mesmice. Aquele que inicia a ação o faz ao expor, por meio de atos e palavras, sua singularidade diante dos outros, distinguindo-se ao introduzir o inesperado e podendo afetá-los (Walckoff, 2016). Visto que, “O fenômeno que chamamos de “eu” está espalhado ao longo da nossa existência, na história que nela realizamos e na memória dos que nos testemunharam em nossos atos e palavras” (Critelli, 2012, p. 57).

Concomitantemente a isso, vivemos nossa condição da pluralidade que implica na singularidade, a qual Esteves (2024) nos explica que juntas configuram a disposição humana de compreensão de uns aos outros pela semelhança, assim como o ímpeto de se distinguir, que se dá por meio da ação, empreendida no discurso, de modo a nos fazermos entendidos. É, então, no espaço público que nossas palavras e atos são testemunhados por outros corpos políticos, fazendo com que nossa experiência individual se torne história, podendo ser lembrada mais tarde através da ação e da palavra. Sendo a política⁹ entendida aqui como uma autorevelação, nós, existimos enquanto seres políticos; ao falar, praticamos política, de modo a afirmar nossa singularidade. E “Sob essa lógica, a manifestação da sua singularidade, que representaria o nascimento de uma escritura, seria o ato da fala em si, e esse ato, um nascimento.” (Esteves, 2024, p. 68).

Esta qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão com outras, isto é, no simples gozo da convivência humana, e não «pró» ou «contra» as outras. Embora ninguém saiba que tipo de «quem» revela ao se expor na ação e na palavra, é necessário que cada um esteja disposto a correr o risco da revelação [...] (Arendt, 2008, p. 192)

Na concepção arendtiana, a possibilidade de revelar o “quem” está intimamente ligada à escrita da história, a um empreendimento narrativo (Schittino, 2012), e isso se faz claro quando ela toma de exemplo a história de Ulisses¹⁰. Sua trajetória de vida ganha sentido, quando ouve sua vida narrada por um bardo, que ao transformar ocorrências de sua vida em

⁹ “A política arendtiana, por sua vez, seria a prática de significação da existência relativa de cada humano através da afirmação de sua singularidade.” (Esteves, 2024, p. 68)

¹⁰ “Em seu texto sobre *O conceito de história: antigo e moderno*, Arendt fala do surgimento da história na Grécia com Heródoto e de seu nascimento metafórico com Homero. A experiência de Ulisses, ao ouvir sua própria história – a história da sua vida – na corte dos Feácios, consiste na cena primordial da história e da poesia.” (Schittino, 2012, p. 51)

uma história ordenada e objetivada, possibilitou que Ulisses pudesse compreender-se e reconciliar-se com a realidade: “...a personagem que Ulisses vinha sendo, mas lhe escapava, torna-se visível para os outros e para ele mesmo.” (Critelli, 2012, p. 69). Deste modo, quando nossa existência é articulada numa narrativa e testemunhada por outros, o sentido de quem estamos sendo se revela - “o encontro entre ator e espectador na história propiciaria a possibilidade da reconciliação entre ação e compreensão.” (Schittino, 2012, p. 51), isso é, uma “potencialidade da palavra se entender com a ação”.

Assim como Ulisses, enquanto não pudermos entender o sentido que fazemos na vida, existir é um embate com a realidade, incessante e obscuro. Somente quando nossa existência puder ser articulada numa história e tivermos testemunhas para ela, o sentido que fazemos na vida se descobrirá. (Critelli, 2012, p. 69-70)

A compreensão aqui aparece como um convite aos homens para a ação, na busca para pensarem o mundo, quando este apresenta algo novo, voltando-se a ele:

Se a essência de toda ação, e em particular da ação política, é fazer um novo começo, então a compreensão transforma-se no outro lado da ação, sobretudo quando é essa forma de conhecimento, distinta de muitas outras, através da qual os homens agem (e não os que se cometem com a contemplação de um processo histórico catastrófico ou salvífico) acabam por ser capazes de reconhecer aquilo que aconteceu de irreduzível e de se reconciliar com o que existe de inevitável. (Arendt, 2001, p. 250 *apud* Walckoff, 2016, p. 26)

Para conceber essa compreensão, é importante ainda retomar a ideia de “pensar” para Arendt, sobretudo no tocante a outros aspectos que também condicionam nossa existência, e pertencem ao que ela chama de *vida contemplativa*. Essa esfera, por sua vez, envolve as atividades espirituais (aqui não há conotação religiosa ou sobrenatural), que são o querer, o julgar e o pensar, pelas quais nos realizamos no mundo, mas não são visíveis a ele, e deste modo, implicam um “alheamento das coisas do mundo” (Walckoff, 2016). O espírito aqui se equivale a uma “consciência”, é um saber comigo, “[...] (penso e sei que penso, sinto e sei que sinto, ajo e sei que atuo), um acompanhamento inexorável de tudo o que se passa comigo durante meu existir.” (Critelli, 2022, p. 56). Ainda que, “[...] a consciência é um fenômeno que instaura e exhibe essa capacidade que só os homens têm de se distinguirem de si mesmos e não apenas de tudo o que está além deles e aí no mundo.” (p. 56).

O querer, é o responsável por ligar o ser humano ao futuro, nos impulsionando à ação para identificar e realizar projetos, assim, “está associado à identidade, ao eu que quer se realizar no futuro, independentemente da história” (Walckoff, 2016, p. 33). Sua função não é

compreender o objetivo final - que é parte da tarefa do pensamento, mas sim lançar o espírito em direção às possibilidades que ainda não se concretizaram, ligando-se, portanto, diretamente à ação (Critelli, 2012). Ademais, se liga à questão da liberdade, como indicado por Arendt, “[...] Somente quando o quero e o posso coincidem a liberdade se consoma” (2000, p. 208 *apud* Walckoff, 2016, p. 33).

Já o julgar, permite-nos avaliar a própria existência, atos e palavras, além de nortear os acordos que firmamos conosco e com os outros. Ainda que essa capacidade difere da análise racional, peculiar ao pensamento, pois implica um desdobramento específico da consciência em consciência moral, estabelecendo a distinção fundamental entre o bem e o mal, sendo que, “A história que nos contamos a nosso respeito, a formação de nossa autoimagem, o acordo que estabelecemos com nós mesmos, dependem do julgamento da nossa consciência moral e da sua aprovação para preservarmos nossa integridade e identidade.” (Critelli, 2012, p. 95). Deste modo, o juízo “[...] se retira para assistir ao jogo da vida, mas, nesse caso, com o intuito de se afastar para julgá-la, ocupado com a questão da ética e, portanto, com a política.” (Walckoff, 2016, p. 34).

Por fim, o pensar, entre as três faculdades da vida do espírito, é a mais conhecida e explorada, e sua precedência se consolida por ser a responsável por preparar os dados necessários para as demais - que dependem das reflexões preliminares concedidas pelos objetos-pensamento. Para isso, integram o pensamento, a imaginação e a memória: a primeira transforma a realidade em imagens, que a segunda armazena. Desse modo, o pensar concentra seu foco no passado, aquilo que já se consolidou como realidade, permitindo-lhe analisar os acontecimentos e buscar os fios de sentido que costuram nossas experiências (Critelli, 2012).

Isso porque é próprio do pensamento partir sempre do que passou, “pensar” é sempre “re-pensar”, não conseguindo, assim, descolar-se da realidade para propor algo novo, que seja capaz de ser “indiferente” ao passado e à realidade, para que, “indiferente” às possibilidades restritivas anteriores, se lance para o futuro. (Walckoff, 2016, p. 33)

Em Arendt, o pensamento é responsável por compreender, conhecer e explicar a realidade e os eventos que vivenciamos, e é capaz de se manifestar em 3 diferentes modalidades, sendo: o próprio pensamento, que pode ser representado pela filosofia e se configura enquanto a busca de significados amplos e atemporais, do que se apresentou a nós, sendo que sempre age referenciando o passado; o conhecimento, que busca encontrar

verdades objetivas acerca da realidade, que sejam úteis à nós; já a compreensão, que tem estrutura reflexiva, visa o entendimento de sentido de algo ou de uma situação mais imediata, permitindo-nos, assim, lidar com eles - uma vez que somos incapazes de agir sem antes compreender o mundo em que vivemos (Critelli, 2012). Deste modo, retomando a história de Ulisses, e o sentido de reconciliação: “na formulação arendtiana, nada do que acontece deveria necessariamente acontecer, a compreensão é o meio de reconciliar-se com o que de fato foi - com o que aconteceu.” (Schittino, 2012, p. 53) ainda que, “o convite à compreensão ocorre sempre quando o mundo, antes familiar, apresenta algo novo que rompe com a ordem anterior.” (Walckoff, 2016, p. 25).

Ainda sobre a compreensão, ela está atrás e adiante do pensamento e do conhecimento, pois atribui sentido aos seus resultados. Sentido esse referendado ao que é comum, proveniente da cultura e partilhado pelas pessoas de nosso convívio, sendo um saber que nos envolve e auxilia na vida cotidiana. É justamente pela existência ser vivida em conjunto, que a compreensão é requisitada:

Se a vida pudesse ser vivida em absoluta solidão, não poderíamos sequer pensar. Pensamos porque precisamos comunicar aos outros e a nós mesmos as diferenças percebidas; e porque precisamos, comunicando-lhes a diferença do nosso ponto de vista, fazê-los ver a diferença que nós mesmos fazemos no meio deles. (Critelli, 2012, p. 28)

Feitas essas considerações, é possível retomar o empreendimento narrativo e a potencialidade da palavra ser entendida como a ação. Para pensar isso, Arendt retomou considerações de Benjamin acerca da narrativa, diferenciando os processos históricos (o que realmente aconteceu - a ação), da historicidade (a narrativa construída posteriormente - a história fictícia). Essa diferenciação indica uma distinção entre a perspectiva do autor, que, para Arendt, “nunca sabe exatamente o que está fazendo”, e a posição do espectador, que olha a história “de fora”, quando a ação já chegou ao fim. Essa distinção rejeita a noção moderna de História como um processo com sentido prévio, enfatizando o caráter contingente do que ocorreu. A narrativa histórica, portanto, não explica o sentido do evento com teorias, mas cria sentido ao resgatar a ação e a pessoa que agiu. A introspecção aparece aqui, promovendo um debate entre o que é vivido e o que é narrado - uma ponte entre a *vida ativa* e a *contemplativa*. Sendo nesse ponto que a compreensão se materializa, como exemplifica na história de Ulisses, que ao ouvir sua própria história, unifica as figuras de ator e espectador (Regiani, 2017; Schittino, 2012).

[...] a atividade de narração seria uma poética. O narrador, o *homo faber*, deveria seguir o sentido etimológico da *poiesis*, criar histórias. A história real como lastro para existência poderia ser narrada após ações individuais e coletivas como descrição dos atos “concretos”. Esta concretude conferia ao *homo faber* a possibilidade de produzir uma atividade imaterial, ou seja, discursiva, e, assim, assegurar a materialidade e durabilidade das palavras no mundo. Esta materialidade discursiva seria a “história fictícia”, sempre dependendo dos relatos ou representações que outras pessoas presenciaram, para desta forma transformar o intangível em artifício, como uma operação artística [...] (Regiani, 2017, p. 193-194)

A obra, sendo uma manifestação da vida de seu criador, revela a personalidade do autor ao público. Tendo em vista que as obras de arte, embora frutos do pensamento, não são produzidas pelo pensar em si, porque este é incapaz de fabricar coisas tangíveis. A reificação, ou seja, a materialização das ideias, ocorre por meio do mesmo artesanato que constrói os objetos duráveis do artifício humano, tendo a mão do *homo faber* (artista, poetas, historiógrafos, escritores, construtores de monumentos...) como atividade primordial, para que a história viva e encenada dos homens que “agem e falam”, sobreviva. E com essa permanência da arte, a estabilidade humana se manifesta, conferindo ao que foi feito um pressentimento de imortalidade - não da alma ou da vida, mas de algo imortal criado por mãos mortais. Assim, a obra adquire uma presença tangível para “fulgurar e ser visto, soar e ser escutado, escrever e ser lido”, fazendo com que a singularidade do autor perdure e se relacione com a pluralidade humana (Arendt, 2008).

Para que possamos lidar com os eventos da vida, é essencial que eles sejam arranjados numa história coerente. Arendt explica que nosso bom senso exige que os fatos estejam encadeados com começo, meio e fim. É na simultaneidade dessas atividades humanas e do espírito que nosso eu se constitui no conjunto de nossas histórias pessoais. Nessa construção, nossa memória não inventa os acontecimentos, mas nossa liberdade é o que nos permite descobrir sentidos diferentes, ressignificando a vida e seus eventos de maneira única. Sendo que, “A biografia de uma pessoa só pode ser identificada à medida que se descobre a história que sua história conta. Mas à medida, também, que se pode abrir a História em meio à qual uma história pode acontecer e construir significados.” (Critelli, 2012, p. 99).

Quando alguém pode explicar aos outros o que fez, por que fez, para que fez e quais as consequências de suas ações; quando pode comparar suas intenções com o resultado de seus feitos; quando, inclusive, pode julgar seus atos e palavras, certamente, terá aprendido a narrar-se. (Critelli, 2012, p. 38)

Nesse processo, o testemunho se torna essencial: carregado de memória, ele combate a efemeridade dos atos e palavras humanas, garantindo que tudo o que já foi se perpetue e

perdure. A rememoração reintegra o eu, recupera-o da fragmentação causada pelo tempo e pelo cotidiano, ajudando ainda a reencontrar projetos e a consciência do próprio caminho. Sua efetividade depende da união entre palavra e ação, isto é, da revelação mútua e da criação de relações e novas realidades (Arendt, 2008).

Os testemunhos, que acontecem no espaço público, lugar de convivência das pessoas, “[...] revelam suas possibilidades e garantem a realidade.” (Walckoff, 2016, p. 47). E com isso, é possível pensar na coautoria das narrativas, considerando ainda que nossa identidade é sempre permeada e construída junto aos outros, e os significados dos atos e palavras são atribuídos justamente pela confluência e testemunho desses outros - que agem como colaboradores na finalização do que foi iniciado. Assim, “Uma narrativa em conjunto que possibilita diferentes olhares e, desse modo, novos apontamentos.” (p.53), que no tocante às práticas psicológicas, configura um convite à reflexão, em uma dimensão mais privada.

Uma intervenção psicológica busca um rompimento com a linearidade da vida vivida, nos convoca para uma pausa e reorganização significativa. O que foi vivido aparece em forma de histórias, em um movimento de retorno à *vida ativa*. Por meio da narrativa, é possível constatar que uma questão de vida convocou a intervenção psicológica e a reflexão, com o objetivo de habilitar a pessoa a retornar e lidar com essa mesma questão. “As reflexões de Arendt, a esse respeito remetem para a importância da prática psicológica atentar para uma abertura diante das questões que envolvem a ação e um modo de reflexão que a contemple.” (Walckoff, 2016, p. 50), sendo a compreensão fundamental para que haja ainda um recomeço:

Não basta que as pessoas atendidas aclarem seu sofrimento. É preciso que o compreendam, no sentido arendtiano, para perceber o que está em jogo e a que peças elas podem recorrer para iniciar novos movimentos. Trata-se de aproximar a vida vivida da prática psicológica. (Walckoff, 2016, p. 51)

Embora a prática inspirada em Arendt ainda não tenha contornos totalmente claros, os desvelamentos feitos apontam para um novo modo de estar presente e uma postura de sensibilidade e criatividade essenciais para lidar com a singularidade de cada caso. Ademais, apesar de a reflexão ser a matéria-prima da psicologia, é fundamental não a encarar como uma ferramenta onipotente ou determinista. Essa cautela se deve à própria complexidade do ser humano, que está “espalhado” em múltiplas atividades como o querer, o julgar, o agir, e é cercado por diversas condições existenciais.

2.3 Ensaaios biográficos arendtianos

Para além de seus méritos filosóficos, Arendt também se dedicou à escrita de narrativas biográficas. Estas são interessantes de serem discutidas aqui, na medida em que narrou histórias de vidas ao seu modo, com uma intenção que fugiu do gênero biográfico tradicional (Schittino, 2012), ainda que sua forma de pensar politicamente se dê fundamentalmente mediante a literatura e biografia (Martinho, M. 2024):

[...] ao desenvolver uma teoria onde a literatura e a biografia fazem parte na construção do conhecimento, o próprio pensamento da autora desloca-se da abstração que caracteriza a filosofia ao incluir elementos próprios da literatura e da poesia, isto é, a narração ficcional e a experiência biográfica. (Martinho, M., 2024, p. 13)

Ainda no começo de sua carreira, na década de 30 em Berlim, desenvolveu uma grande pesquisa entre literatura e filosofia no romantismo alemão¹¹ - “estudou esse círculo literário em retrospecto sendo o ponto de partida suas próprias experiências pessoais.” (Regiani, 2017, p. 185), se dedicando sobretudo a uma investigação biográfica acerca da judia alemã Rahel Varnhagen e importante personalidade do romantismo alemão, que só foi publicada anos após¹².

Ao começar a biografia de Rahel Varnhagen, Arendt expõe que seu objetivo não era o de produzir uma biografia no sentido tradicional, ou seja, não tinha o intuito de revelar a intimidade de uma pessoa pública, enaltece-la ou identificar aquela vida num quadro geral da História - “Não se tratava de escrever a História, nem de fazer um retrato psicológico.” (Schittino, 2012, p. 40). Como Arendt afirmou: “O que me interessava unicamente era narrar a história de vida Rahel como ela própria poderia ter feito.” (1994 apud Martinho, F., 2023, p. 4), e deste modo, não seguiu uma linearidade histórica convencional, mas um conjunto fragmentado de relatos, cartas, e memórias. Nessa perspectiva, revelar a narrativa que Rahel fazia de si ou para si mesma, é fundamental para compreender “quem” foi ela. Tocando as reflexões que ela fazia sobre si, Arendt pretendeu mostrar de que modo Rahel interpretava sua vida, “de que modo uma judia na época do Romantismo podia experimentar a vida.” (Schittino, 2012, p. 40)”. Sendo que, “A concepção arendtiana que perpassa a biografia de

¹¹ “[...] Arendt dedicou-se a entender as estruturas narrativas dos românticos, definindo-as pelas regras do arranjo heterônimo, pelo qual o narrador, de forma autônoma, sujeitava um evento ou a expressão de uma individualidade em relatos. O autor só apareceria do ponto de vista da sociedade e suas personagens acabariam por agir em função dela. Esta aproximação da literatura com a filosofia abordava os limites de uma compreensão “absoluta” da identidade e a divisão da esfera da privacidade, entre a existência e a individualidade [...]” (Regiani, 2017, p. 187)

¹² *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo* (Arendt, 1957)

Rahel é a impressão de que a judeidade era vivida de modo individual, como um problema subjetivo.” (p. 40).

Para Arendt, a fuga de Rahel para dentro de si se deu por uma adesão extrema aos ideais iluministas, o que condenava o indivíduo ao fatalismo, pois estava rejeitando a realidade - lutou contra o fato de ter nascido judia, o que rapidamente se converteu em uma luta contra si mesma. Para a filósofa, quem não assume a própria história é arrastado pelo processo histórico e pela contingência, acarretando a obstrução da ação e do futuro. Justamente para reverter essa condição, a construção da biografia de Rahel se torna crucial, pois ao retomar essa história, Arendt demonstra a impossibilidade de uma exterioridade absoluta. O autor e o narrador ligam-se ao biografado em uma relação de identidade e reciprocidade, transformando a escrita em uma “troca humana” - um “aperto de mão através do tempo”. É por meio desse encontro ativo e relacional que a vida de Rahel adquire “contornos de realidade” e o tempo histórico é humanizado (Martinho, F., 2023).

Já no livro *Homens em tempos sombrios* (1997), em uma coletânea de ensaios e artigos, Arendt traçou perfis biográficos de homens e mulheres com vidas distintas, mas que compartilharam entre si a vida na primeira metade do século XX. Nestes textos buscou se referir a como essas pessoas “[...] viveram suas vidas, como se moveram no mundo e como foram afetadas pelo seu tempo histórico” (Arendt, 1997, p. 17), como Freitas (2014) ressalta:

Hannah empenhou-se em tecer pequenos retratos de personalidades do passado e do seu tempo, histórias de homens e mulheres que contribuíram na tentativa de salvar o mundo comum do alheamento e da barbárie. Entre essas histórias dignas de serem contadas – não simplesmente porque revelam personalidades, mas antes porque são capazes de trazer à memória a exemplaridade de uma vida vivida no compromisso com a primazia do público [...]. (p. 73)

Já no prefácio de *Homens em tempos sombrios*, Arendt declara que o que está em jogo na elaboração dos perfis biográficos, não são as obras ou a fama, mas que sua finalidade foi a de mostrar “a possibilidade de iluminação em tempos sombrios.” (Schittino, 2012, p. 43), se referindo sobretudo às tragédias do século XX. Assim, “os ensaios biográficos ali reunidos se configuram com um poder iluminador.” (p. 43), de revelar uma pessoa ao mundo, no âmbito público, com “anseio de tentar compreender como a pessoa mantém uma ligação com o mundo ou como sucumbe a algum tipo de afastamento.” (p. 48). Deste modo,

[...] refletiu como tais atores pensaram e agiram sobre um mundo no qual a luz pública era obscurecida seja pela violência, seja pela crescente tendência à fuga interior. São histórias que caminharam na contramão de um mundo

no qual a tirania e o alheamento se tornaram banais. Com essas biografias, Hannah não pretendia chegar a conceitos ou categorias universais abstratas. Seu objetivo era, ao lembrar essas histórias, garantir a imortalidade dos exemplos que, em face da fugaz e perecível natureza humana, tendem a morrer. Ela acreditava que a única forma de manter o significado dos grandes feitos e palavras é através da “contação” da história, vida dos heróis, a relação de sua vida com o mundo plural. (Freitas, 2014, p. 73)

Fica evidente, ao final deste capítulo, a profunda coerência do pensamento de Hannah Arendt. Sua própria trajetória de vida não surge como um mero pano de fundo, mas como o alicerce de sua filosofia. Ao se debruçar sobre a vida de outras figuras, sua intenção não era a formulação de conceitos abstratos, mas a compreensão da existência em sua manifestação concreta. O percurso aqui traçado demonstra que a preocupação central da autora era entender como a singularidade de uma pessoa se revela e resiste no mundo compartilhado, tornando o tempo histórico humano e compreensível.

CAPÍTULO 3

3.1 Narrar para existir: Escrivência e seu potencial narrativo para Psicologia

O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida [...] é um movimento que você faz para vencer a dor, ou para vencer a morte [...] (Evaristo, 2020b)

Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito. (Dinesen apud Arendt, 2008, p. 188)

Começo este capítulo com essas duas importantes citações, sendo a primeira tirada de uma aula de Conceição Evaristo, e a segunda, de Isak Dinesen e utilizada por Arendt como abertura do capítulo sobre a ação de seu livro *A Condição Humana*. Elas ilustram e tocam as questões trazidas até aqui, estando em consonância ao objetivo apontado para este estudo, ressaltando a importância da narrativa e de como vidas se inscrevem e resistem no mundo pela palavra, mas sobretudo ainda, o que isso pode implicar à Psicologia e suas práticas.

Para suscitar essas articulações, tomei duas autoras influentes e disruptivas em seus tempos, procurando me ater à importância que cada uma delas, em sua singularidade, produziu e representou. Conceição Evaristo e Hannah Arendt são mulheres com histórias de vida muito diferentes, apesar de ambas terem vivenciado contextos de muita repressão, social e política, e serem interessadas pela literatura e linguagem poética. Em suas vivências, diante das dificuldades, preconceitos e dores, criaram possibilidades para existirem, e serem reconhecidas pelos seus pensamentos e narrativas, com contribuições significativas para se pensar a vida humana.

Pensando nos conceitos de Escrivência e narrativa, proponho uma aproximação inaugural considerando as citações de abertura do capítulo, de como o ato de narrar tem potencial de transformação de experiências vividas, nesse caso especificamente de situações de sofrimento. Em Evaristo, a escrita narrativa se volta sobretudo às mulheres afro-brasileiras, explorando em muitas de suas obras a memória dolorosa da escravidão. Ela aponta para urgência de encarar essa memória, pois, não são meros eventos passados, mas uma realidade que continua a “sangrar” no presente (Evaristo, 2019 *apud* Silva, A., 2020). Pensando sobre isso, aproximo a ideia de Arendt (2008), de que a ação e o discurso - materializados em uma narrativa que se refere a uma realidade mundana e objetiva, proporcionam a compreensão dessa realidade. Havendo compreensão, abre-se a possibilidade de reconciliação, visto que, o significado extraído das experiências, tanto privadas quanto públicas, é o que habilita os indivíduos a pensar, agir e falar. Por meio dessas capacidades,

eles conseguem se reconciliar com a história e vivenciar ativamente sua própria narrativa (Regiani, 2017).

No contexto da Escrivência, é possível pensar em uma reconciliação que se dá através da ação - “O lugar do mero ouvinte é desautorizado. Nesta literatura/cultura, a palavra que é dita reivindica o corpo presente. O que quer dizer ação.” (Werneck, 2016, p.14). Nesse sentido, a escrita das mulheres negras tem a pretensão de desconstruir a imagem histórica daquilo que foi reprimido e silenciado, na qual o corpo-voz das mulheres negras era subjugado e controlado - tendo em vista que, o pensamento racializado no Brasil, além de ter justificado a violência contra o povo negro, também se dedicou a fabricar identidades submissas. Deste modo, o ato de escrever, representa uma ruptura histórica, pois ao narrar suas sensibilidades e subjetividades, a mulher negra assume o protagonismo da própria história, deixando de ser um objeto de análise refém do olhar alheio para se tornar um agente consciente que estabelece uma nova tônica discursiva, que incide também na construção das identidades atuais (Esteves, 2024; Penna, 2024; Santos e Cordeiro, 2021). Nas palavras da própria autora:

Escrivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020a, p. 35)

A Escrivência nesse sentido, é um gesto que não se esgota no eu: sem sair de si, a autora colhe as vidas e as histórias do entorno, e por essa razão, transcende a mera escrita de si e se aprofunda, ampliando o relato individual para abarcar a história de uma coletividade (Evaristo, 2020a). Aproximando isso da concepção arendtiana de que “[...] iniciar (*Beging*) uma história seria uma atividade subjetiva que proporcionava uma ação intersubjetiva na esfera mundana. [...] o “nós” conectava-se aos “outros” no espaço público e nesta revelação à vivência transpareceria como revelação histórica.” (Regiani, 2017, p. 197). Neste mesmo sentido, a Escrivência de Evaristo também pode ser lida como a materialização literária e política do conceito de poder¹³ de Arendt (2008): o gesto da escrita individual - a ação, só adquire poder e permanência - o potencial público, porque transcende o pessoal e se estabelece no “entre” as vidas e histórias da coletividade, garantindo que a memória e a nova identidade do grupo sejam criadas e sustentadas.

¹³ O que mantém vivo o espaço público é o poder, compreendido não como propriedade individual, mas como potencial que existe apenas entre os homens que agem em conjunto. Sua efetividade depende da união entre palavra e ação, isto é, da revelação mútua e da criação de relações e novas realidades (Arendt, 2008)

É justamente nesse potencial de criar identidade que a ficção se revela fundamental, pois, como aponta Esteves (2024, p. 77): “[...] a nossa ficção fala, e fala de forma poderosa.” Assim, é possível pensar no pressuposto de dinamismo da escrita de Evaristo (2020a), da pessoa se colocar como a própria invenção ficcional de sua obra, conectando com o que Arendt pontua acerca da história narrada. Associo também à ideia de Benjamin (1994), que se aproxima da proposta de Evaristo, de que o narrador “[...] pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer).” (p.221). Nessa proposta, a escrita da história “[...] surge como uma atividade intelectual que se empenha na tarefa de compreender a história real, erigindo ela mesma um produto que é a história escrita.” (Schittino, 2012, p. 52), ainda que “A história de ficção revela um autor, tal como qualquer obra de arte indica claramente que foi feita por alguém — e isto não se deve ao caráter da história em si, mas apenas do modo pelo qual ela veio a existir.” (Arendt, 2008, p. 198).

Pensando na ideia de obra, que “[...] enaltecem um feito ou empreendimento e, através de transformação e condensação, revelam toda a importância de algum acontecimento extraordinário” (Arendt, 2008, p. 199), retomo ainda a noção de um poder que se faz no coletivo. A narrativa escrita, enquanto uma obra material, sendo uma forma de preservar discursos no espaço público, promove certa estabilidade, uma recordação mais duradoura e, até mesmo, a união de pessoas. Na medida em que as histórias carregam em si experiência e sabedoria, devem também ser compartilhadas de pessoa para pessoa no espaço público, onde podem ser testemunhadas por um ouvinte, que por sua vez pode fixar uma história à sua memória e contá-la novamente, se tornando um novo narrador (Esteves, 2024).

Ao publicar suas obras e propor a Escrivivência, Evaristo nos instiga a refletir sobre as narrativas e as estruturas sociais de dominação:

A palavra poética cuja atuação é política, exúnica e oxúnica, ao dizer com as mulheres negras em diáspora, incita a consciência dos leitores e leitoras, provoca redirecionamento do mercado editorial, abala a linha de conforto da recepção literária ditada pela elite brasileira, subverte epistemologias e promove a formação de leitoras/es negras e não negras/os, ativando a literatura negra brasileira como lugar de expurgação mas também de afirmação. (Silva, A., 2020, p. 131)

Aproximando isso das ideias de ação e discurso de Arendt, como manifestações políticas intrínsecas do homem enquanto ser social, que, em seu contexto, diagnosticou a crise da experiência moderna ao demonstrar que os traumas da marcha totalitária ofuscaram

as atividades humanas na esfera pública e, conseqüentemente, sua narração. Em seu entendimento, durante os anos totalitários, não ocorria mais a conciliação do indivíduo com sua história, restando apenas a massificação de uma “geração perdida” que viveria em “espaços vazios” da história (Regiani, 2017). Desse modo, levantando o problema do “quem” da ação no texto narrado, Arendt buscou na narrativa o caminho para que o sujeito da história pudesse construir sua identidade (Martinho, F., 2023):

[...] a exemplaridade de seres humanos capazes de construir o Mundo a partir de um empreendimento comum faz da história a possibilidade de constituição de eventos belos, dignos de serem atualizados. [...] do ponto de vista arendtiano, é a distinção de que eles representaram novos começos. Relembrar histórias – compreendia Arendt – é a única forma de evitar a mortalidade daqueles que viveram com o Mundo. É uma forma de imortalizá-los naquilo que as gerações futuras precisam preservar como aprendizado e “modelo” de ação para que o próprio Mundo não desapareça sob as ameaças dos interesses privados, pois o que interessa desta vida, que já não está mais entre-nós, é o seu poder de conservar no espírito o exemplo de coragem na defesa de um Mundo mais humano, um mundo compartilhado no “Nós” do diálogo plural. Desta perspectiva, contar histórias exemplares significa estabelecer um relevante pacto com a memória – única justificativa possível para “uma vida que vem da morte”. (Freitas, 2014, p. 50).

É nesse ponto que a literatura se torna um campo de batalha: a escrita de Conceição Evaristo e de outras vozes afro-brasileiras demonstra um papel de afirmação. Essas vozes reivindicam seu lugar como sujeitos históricos e políticos, confirmando que as representações literárias não são neutras, mas sim encarnações textuais da cultura que as produz. Mesmo diante de uma condição de maior vulnerabilidade social, por ser mulher e negra, Evaristo se coloca enquanto um ser político - de usufruir do direito ao discurso e à ação. (Lima, Moraes e Silva, 2019).

No vigor e rigor da linguagem empregada para edificar seu mundo ficcional, Evaristo não se limita a representar uma mera realidade. Têm papel de resistência e uma força mobilizadora, que pode ser vista em suas leitoras e leitores - como atestam os grupos de leitura dedicados a debater os problemas das populações negras a partir de sua obra. Ainda que o texto estabeleça uma troca de experiências, em que a escrita do criador se encontra com a vivência do leitor, promove uma conversa a partir de espaços de exclusão. É na condição humana da pluralidade que essa troca se realiza, pois as personagens de Evaristo, majoritariamente oriundas de espaços marginalizados, permitem a identificação e a comoção de qualquer sujeito que experimente a exclusão. Assim, o leitor acolhe o texto a partir de suas próprias experiências, estabelecendo uma relação de cumplicidade, assemelhando-se ou não às personagens, e confirmando que a literatura é um palco para a agência política e a

reivindicação de lugar para as vozes marginalizadas (Esteves 2024; Silva, 2019). Evaristo ainda afirma: “Eu tenho experimentado muito isso. Homens, mulheres, brancos, pretos, velhos, jovens, brasileiros e estrangeiros; se sentirem convocados... Porque toca.” (2020c, s/p).

Nesse sentido, a Escrivivência ainda

[...] não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrivivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. [...] O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (Evaristo, 2020a, p.38-39)

Por ser uma prática política e de representação, essa escrita que Evaristo (2020a) sugere, têm um processo criativo implicado muito na observação e escuta: “Embora eu fale muito, gosto muito de ficar assuntando, escutando as vozes, os casos, o cotidiano. E assuntar também pede silêncio. [...] Creio que a escrita pede isso. O tempo todo é preciso assuntar a vida.” (p. 42). Essa escuta ativa e a valorização das enunciações das pessoas sobre suas próprias identidades combatem a hierarquia que privilegia a escrita - tida como puramente objetiva, em detrimento dos atos de fala e performance - vistos como subjetivos (Penna, 2024). Ainda que, por ser

[...] uma escrita pulsante e dolorida, ela se mistura às marcas do corpo, reflete a imagem, mas pulsa a energia de muitas vozes, de muitos tons. Tons de preto. Ela entra em contato com os afetos que nos atravessam, que atravessam o outro, as tensões provenientes da existência, os saberes ancestrais, os gritos presos na garganta, os encontros espirituais, os sentimentos para os quais não se encontram palavras. Mas nessa construção, encontram um caminho de acolhimento. (Silva, J., 2021, p. 74)

Aproximo essa habilidade de escuta ativa e a memorização das experiências de outrem, à sua produção em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, na qual a narradora cede constantemente a palavra às personagens, o que faz com que o ato de narrar e a voz de quem vivenciou a experiência adquiram centralidade e relevância no texto (Godoy, 2025). Havendo um “manuseio das ações para o equilíbrio entre a densidade do conflito na proporção que isso repercute no processo de construção ou de desconstrução das subjetividades das personagens-narradora” (Silva, A., 2020, p. 124), sendo que, há um movimento de equilíbrio na narrativa, que se aproxima e distancia de uma perspectiva autobiográfica.

Esse estilo narrativo ecoa a filosofia política de Arendt, em que a narração de histórias se apresenta como uma forma privilegiada de testemunho e de formação de uma realidade compartilhada (Freitas, 2014), onde o contador de histórias é uma figura essencial no processo de compreensão: através da narrativa, os acontecimentos e fatos adquirem um sentido que não é teórico ou explicativo, mas que surge da própria reapresentação do fluxo vivo da ação (Schittino, 2012). Em consonância com Benjamin (1994): “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (p. 201).

Desse modo, a narrativa histórica e a tarefa de contar histórias de vida estão intimamente conectadas, o que nos leva a concordar com Evaristo (2020a) quando ela pensa se “não é a linguagem a marca mais profunda e mais reveladora da subjetividade da pessoa.” (p.42), e nos leva a questionar “[...] se as histórias, de um modo geral, não são inventadas, mesmo as reais quando são contadas e nos desafia a relatar sem tirar, nem pôr, algo que aconteceu.” (Lourenço, 2024, p. 35).

Ainda sobre *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, a obra, que é destacada pela profusão de vozes femininas que enunciam sua condição de ser mulher e seu modo de estar no mundo, é marcada pela prevalência da circularidade temporal: mesmo com cenas que recorrem ao passado, este jamais se mostra distante do presente (Silva, A., 2020). Relaciono isso à compreensão trazida por Critelli (2012), de que narrar não é apenas relatar acontecimentos, é interpretá-los, capturando os fios de sentido que guiaram e motivaram a vida, muitas vezes sem que estivéssemos conscientes disso. A narrativa revela a biografia em curso, tornando visível a singularidade que se expressa no tempo. E aproximo isso ainda também da proposta dos ensaios biográficos produzidos por Arendt (1997), com “poder iluminador”, em que buscou no destino dos indivíduos a chave para compreender as rupturas e crises do mundo moderno.

Feitas essas considerações e articulações iniciais entre a produção de Evaristo e o pensamento de Arendt, proponho agora reflexões mais específicas à Psicologia, tomando como ponto disparador as discussões acerca de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Assim como Thaís Lourenço (2024), contemplei um paralelo entre os encontros de cada conto, como cenas de intervenções psicológicas, sobretudo de uma situação Clínica:

Ao entrar em contato com cada história fiquei mobilizada, inquieta, reflexiva, animada e preocupada, do mesmo jeito que recebo as pessoas que me procuram nos atendimentos. [...] Memória, aprendizado, transferência,

contratransferência, empatia, medo, insegurança, alegria, indignação, raiva, cansaço, vida, morte, resiliência, respeito, amor... Quantos elementos, sentimentos, emoções, gestos e arrepios recebo, e também sinto quando me coloco ali, aberta e disposta a acolher as pessoas e histórias que chegam até mim? [...] Eu, agora leitora e pesquisadora desta obra, não poderia deixar de me afeiçoar por tamanha sutileza e vivacidade que ela revela, aspectos que falam profundamente sobre as dinâmicas que ocorrem dentro da Clínica. (p. 36)

Em sua dissertação, Lourenço (2024) se dedicou à ficcionalizar a própria ficção, encontrando um caminho metodológico para assumir e incorporar em algumas cenas da obra, a posição da personagem que escuta. Ela foi associando referenciais epistemológicos cosmoamefricanas, juntamente à noção de interseccionalidade, e foi “[...] confluindo e escrevendo com as personagens [...] a fim de evidenciar e fazer emergir possibilidades de análises e cuidados psicoterapêuticos a mulheres negras na Psicologia Clínica.” (p. 21). Nessa proposta, a pesquisadora buscou realizar cenas de análises com a Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Rose Dusreis e Regina Anastácia, sob a luz de reconsiderar os referenciais e métodos de trabalho para adequá-los à realidade dessas “pacientes”, tendo em vista que,

[...] não há neutralidade, nem na escrita, tampouco na escuta. O fundamento básico e primordial da Psicologia, seja ela a Clínica ou em qualquer lugar que ela seja feita, é escutar histórias e se permitir percorrer ao lado de quem se dispõe a mergulhar em águas profundas, e nem sempre pacíficas, possibilitando esse ato como garantia de direito. (Lourenço, 2024, p. 129)

Assim como Evaristo busca no ato de criação, a humanização de suas personagens ao apresentar a complexidade da vida em suas tramas, com erros, acertos e afetos múltiplos, a função primordial na prática clínica é esse mesmo modo de cuidar. O desafio é não reduzir a complexidade da vida a meros marcadores de violência ou categorias sociais, mantendo sempre uma perspectiva crítica sobre o contexto em que a vida da paciente está situada (Lourenço, 2024).

Ainda em acordo com Lourenço (2024), Evaristo oferece a Escrivência como uma metodologia capaz de contribuir e mobilizar múltiplas reflexões. No contexto da Psicologia, sua afirmação de que a escrita está intrinsecamente ligada à escuta e ao silêncio levou a pesquisadora a traçar um paralelo direto com seu exercício como psicóloga, tendo em vista que, na prática clínica, é crucial silenciar a voz interna e apaziguar o ruído para que as percepções do outro possam emergir, sendo necessário sintonizá-las às suas próprias percepções. Isso parte do princípio de que estar na presença exige reconhecer o corpo como o lugar fundamental da experiência, e ao oferecer um espaço seguro para que as pessoas

possam narrar suas histórias, desaguar suas verdades e se tornar protagonistas de suas vidas, a intervenção psicológica promove diretamente a saúde e a qualidade de vida.

Pensando ainda na Escrivência enquanto metodologia, na dissertação *Escrivências de uma Psicologia Preta* (2021), Juliana Silva tece considerações ao afirmar que é um princípio conceitual-metodológico poderoso, não só por ser capaz de romper com a narrativa dominante e sustentar o discurso dos excluídos, mas também por instaurar uma disputa epistêmica e subjetiva, rejeitando o olhar e os enquadramentos eurocêntricos da academia. Para a pesquisadora, essa escolha metodológica é um ato de autonomia intelectual para forjar um discurso que parta da experiência negra e das suas potencialidades. A Escrivência torna-se, assim, um caminho para viabilizar mudanças estruturais e o acolhimento psíquico, ao resgatar e recriar o sujeito negro no âmbito individual e coletivo.

Proponho ainda pensar junto a atenção psicológica vinculada à ação arendtiana, sobretudo as potencialidades de uma narrativa tecida em conjunto. Walckoff (2016) nesse sentido, demarca o papel do psicólogo enquanto um coautor da história do paciente (ator principal), e nessa relação de cuidado surgem novas possibilidades de tecer novas narrativas, que vão se constituindo ao longo dos atendimentos. Enquanto psicólogos, “[...] não será possível nos abstermos do lugar de coautores da narrativa que está sendo ouvida/contada e ao mesmo tempo constituída. Isso porque, a vida está longe de ser um exercício intelectual, ela é vivida, sentida e experimentada.” (p. 69).

Tais considerações se aproximam também do que já foi falado sobre a trama desenvolvida entre a narradora-ouvinte de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, com as protagonistas de cada conto, em que a narrativa possibilita uma aproximação da vida vivida das mulheres. Penso, inclusive, se a narradora-ouvinte, ao “escrever” o livro posteriormente, não configura essa terceira narrativa. Uma narrativa mais situada e compreendida, pela afetação envolvida nos encontros. Ainda questiono se as protagonistas no ato de narrar poderiam ter sido convocadas à reflexões sobre os passados que a afetaram. E para isso proponho pensar junto à ideia de que:

A partir da afetação que esta narrativa nos traz somos afetados e convocados a compreender e narrar aquilo que nos afetou. Será essa narrativa fruto da compreensão do psicólogo que permite que duas ou mais percepções sobre o vivido se apresentem, possibilitando o que chamamos de um outro momento que seria uma tessitura de uma terceira narrativa. (Walckoff, 2016, p. 67)

Pensando em uma terceira narrativa composta junto a psicóloga/o, “[...] as pessoas que procuram um modo de intervenção psicológica nos pedem, que as acompanhem na vida.” (Walckoff, 2016, p. 63). Os encontros mobilizam ação, através do vínculo e da presença com a narrativa, que representam uma maior abertura para a compreensão das demandas trazidas. A busca pela compreensão é crucial, pois a narrativa é a interpretação do nosso ser que captura e organiza compreensivamente a história que nossa vida realiza. É ela que descortina os fios de sentido que nos conduziram e que revela a personagem que fomos, somos e podemos ser, descobrindo uma biografia numa vida (Critelli, 2012).

Sem essa organização, segundo Arendt, a incapacidade de compreender a própria trajetória condena o indivíduo ao fatalismo. Aquele que se recusa a assumir sua história é passivamente levado pela contingência radical dos eventos, percebendo-os como um destino irresistível. Consequentemente, essa desconexão com sua história resulta na obstrução da capacidade de agir e de construir o próprio futuro. Arendt postula isso frente a seus estudos sobre o totalitarismo, e no tocante aos indivíduos, em seus ensaios biográficos propõe pensar que a ação só ganha sentido e se revela plenamente quando é narrada - “a possibilidade de iluminação em tempos sombrios.” (Schittino, 2012, p. 43). Deste modo, os ensaios biográficos, configuraram um “poder iluminador” frente às crises do século XX, revelando uma pessoa no âmbito público, com o anseio em investigar de que modo a pessoa mantém uma ligação com o mundo ou como ela se rende a alguma forma de isolamento. Tais intenções são inspiradoras para se pensar na potência das narrativas também na contemporaneidade.

Ainda sobre uma terapêutica inspirada na filosofia arendtiana, vale mencionar o que Dulce Critelli (2012) propõe: a Historiobiografia, enquanto uma abordagem terapêutico-educativa que visa à redescoberta do sentido da vida por meio da compreensão da história pessoal. Com caráter fenomenológico existencial, considera também o pensamento de Heidegger, propondo a filosofia como uma ferramenta terapêutica e educativa através de Oficinas Historiobiográficas - “Sentido da Vida e História Pessoal”. Isso mais uma vez reafirma o potencial existente em Arendt para compreensão e práticas de cuidados com o humano.

Pensando mais sobre a narrativa escrita e suas contribuições para Psicologia, parto da consideração de Thame (2023) de que “O caminho do escrever, assim como o caminho do existir, é descoberta contínua sobre o mundo, sobre o outro, sobre si.”. Embora a escrita possa

ser vista apenas como um meio de registrar a fala, reconhece-se que ela transcende essa função, constituindo-se enquanto uma ferramenta do conhecimento. Ainda que, conseqüentemente, a apropriação do ato de escrever tornou-se condição essencial para a humanização dos indivíduos e para a conquista de um pertencimento social efetivo, sobretudo no contexto da sociedade moderna.

Enquanto uma ferramenta, a escrita tem relação e influência direta sobre o pensamento. Ela transmite de modo artesanal a experiência vivida, configurando um encontro entre a “voz criada por aquele que escreveu com a voz que o leitor empresta ao escritor”, com potencial de criação de outras realidades, por investir em um tempo para além do vivido (Thame, 2023).

No artesanal, valoriza-se o que é único de cada fazer, o que é humano, singular, inédito a cada vez; pressupõe-se, no fazer de um artesão, lugar para ambigüidade, para as imperfeições, em que o valor da obra está, justamente, no artesão-junto-à-obra. Na abertura de uma compreensão afinada a uma determinada disposição de ânimo, quem escreve poderá acolher tais elementos do cotidiano neste horizonte poético [...] (p. 43)

Thame (2023) propõe a linguagem poética, a partir da noção heideggeriana, de que é a linguagem em seu estado mais autêntico, com potencial de desvelar aspectos fundamentais da condição humana, ao mesmo tempo em que preserva o mistério e a possibilidade do não-dito. Assume que diferentemente da compreensão rígida e restritiva, que se baseia na lógica da palavra, essa perspectiva surge da fluidez do inesperado, focando na ampliação de horizontes e na concretização da própria existência. E dessa forma, a escrita pode ser tida como uma resposta ao apelo do inesperado, manifestando-se como um compromisso em manter-se aberto ao que se apresenta, mesmo que cause espanto e desconforto. Essa postura de questionamento contínuo aproxima o poeta do existir, pois ele abdica da separação sujeito-objeto e se reconhece como um ser-no-mundo.

Pela relação com as palavras se dar de forma autêntica, aquele que escreve poeticamente não tem domínio algum sobre as palavras. E sobre isso, Thame (2023) aproxima as palavras de Evaristo (2020a) de que: “[...] a palavra domínio não verbaliza a minha experiência em nada. Eu diria, por exemplo, que a escrita é uma necessidade de apreensão do mundo, mas o mundo que me escapole.” (p. 37).

Thame (2023) fala também da Escrivivência para se pensar sobre alguns aspectos: cuidado, escrita e existência, destacando-a enquanto uma proposta de escrita que mescla invenção e fato. Em dupla dimensão, ela é, simultaneamente, a vida que se inscreve na

vivência individual e a forma como cada pessoa constrói narrativamente o mundo que enfrenta. E a partir disso, sugere que o ato de fazer-escrita poeticamente pode se configurar como um ato de cuidado ao possibilitar um manuseio artesanal e não técnico da vida. Revela-se como uma prática que exige um olhar atento para o tempo e a abertura do nosso ser, permitindo que se costure com zelo o que nos é apresentado na existência.

Concebendo, então, a escrita enquanto um “processo de ampliação do campo da existência”, que favorece a revelação de possibilidades relevantes para quem escreve, o que, por sua vez permite a aproximação de modos mais livres de concretizar a própria existência, Thame (2023) a propõe enquanto uma experiência terapêutica. Ao relacionar a escrita poética com o que se pode caracterizar como experiência terapêutica, reforça que a escrita, por conduzir a uma outra referência de relação com o ser das coisas e conduzi-lo ao seu aparecimento, é uma oportunidade especial e única para a vivência de formas mais autênticas de existência:

Se a terapia se apresenta como um caminho oportuno para a reflexão do próprio modo de ser, já que aquilo de que se busca cuidar é o fenômeno existência, podemos apontar que isso se dá através do favorecer, do permitir que esse fenômeno se revele. [...] Nesse contexto, com o pensamento fenomenológico como plano de fundo, referimo-nos a algo como terapêutico quando tratamos de algo que facilita a abertura para a compreensão do ser. Podemos pensar, enfim, que é terapêutica uma ocasião favorável para aproximar-se do próprio existir; falamos de terapêutico quando tocamos no que se refere à ampliação da liberdade: o que possibilita a manifestação, a abertura (p. 52)

Por fim, pensando então na escrita poética e o aspecto terapêutico da psicoterapia de orientação fenomenológico-existencial, sem intenção de comparar ou substituir o cuidado clínico, o objetivo de Thame (2023) foi o de aproximar o potencial terapêutico da escrita, uma vez que é um tema também muito explícito na literatura clínica. Desse modo, a escrita poética se revela como uma oportunidade terapêutica especial, pois possibilita apreender o desconhecido no familiar e escutar o silêncio que o cotidiano ignora.

3.2 Meu lugar de escuta e escrita

Chego agora ao ponto em que este trabalho retorna à mim. Revisito, assim, as intenções que o originaram - nascidas de um movimento íntimo, de uma curiosidade que brota da escrita e da leitura enquanto lugares de encontro: com o outro, comigo. Sempre percebi na linguagem, essa “morada do ser”, uma morada também minha. Talvez por isso,

vislumbrei um terreno fértil para o diálogo com a Psicologia, onde o dizer e o escutar se confundem na busca por compreender o humano.

Em mim, o ato da escrita é um meio pelo qual por vezes traduzo e organizo meu mundo. Valorizo o escrever enquanto uma ferramenta íntima, um processo no qual pude em diversos momentos da minha vida me situar e me acolher diante de conflitos. A escrita foi minha aliada em muitos momentos de angústia e incerteza. Com ela crio uma distância necessária para que eu possa olhar para minhas experiências com mais clareza, mas também uma proximidade sensível, capaz de acolher o que ainda não havia sido dito. Fiz das palavras minha morada principalmente na pandemia. Diante do sofrimento, em “tempos sombrios”, escrever me ajuda a “iluminar”. Sei que sempre posso contar com meu bloco de notas.

Minha escrita mais pessoal e situada, vai desde poemas, cartas de amor, mapa de sonhos, diários de viagens, à reflexões sobre coisas aleatórias. Seja no papel ou na tela, é sempre um exercício sensível e de entrega, no qual me permito usar a borracha, apagar e rasurar, como parte do meu processo de elaboração, apropriação e transmutação de minha história, que são muitas e por vezes inacabadas. Esses momentos de recontar minha vida são pausas importantes, no qual muito do que foi vivido pode enfim ser considerado e integrado à quem vou sendo. Nesse tempo, consigo dizer escrevendo muitas coisas que ainda não concebo à fala. E nesse movimento, primeiro de um diálogo interno, consigo posteriormente ter mais clareza e liberdade em proferir. Entre dizer e escutar-me, encontro possibilidades de sentido, e nelas, um modo próprio de cuidar de mim. É como se cada texto abrisse uma pequena fresta por onde posso respirar, elaborando dores, compreendendo afetos e reconstruindo caminhos.

Por vezes não sou minha única leitora e minhas palavras encontram um outro, a quem minhas palavras se destinam ou para compartilhar o que descobri escrevendo. Eventualmente minha ouvinte é minha terapeuta. Levo para as sessões meus escritos, que normalmente se encontram com meu processo terapêutico, e deste modo, a escrita se tornou um recurso potente para minha compreensão de saúde mental, se configurando enquanto um gesto de escuta de mim mesma.

Assim como a escrita, reconheço também na leitura de outras autorias uma potência “iluminadora”. Para além do lazer, ler tornou-se um exercício de aprendizado e admiração. Admiração do que foi produzido por um outro, que assim como eu é atravessado por inúmeros afetos e uma história pessoal que se imprime de alguma forma no texto que chega

em minhas mãos, e que também viabiliza um conhecer novo. Desde a decisão do que é escrito, os temas, e estética envolvida, acredito que todo texto reivindica algo, seja a produção de conhecimento ou um texto literário, é sempre sobre alguém que tem algo a dizer.

Ler me faz perceber o quanto o encontro com a palavra do outro é também um encontro comigo mesma. À medida que leio, algo em mim se desloca: reconheço afetos, descubro modos de sentir e pensar que antes me eram estranhos, e ao mesmo tempo me vejo refletida nas experiências que atravessam as páginas. A leitura me permite existir em outras vozes, viver outras vidas, compreender nuances do humano que escapam à minha própria experiência.

Cada autor que leio me empresta um olhar, e esse olhar amplia o meu. É como se a leitura abrisse frestas naquilo que eu acreditava conhecer sobre mim e sobre o mundo, convidando-me a permanecer em movimento. Assim, percebo que ler não é um gesto passivo, mas uma forma ativa de me constituir - de elaborar sentidos, afetos e pensamentos.

Deste modo, considero parte fundamental da minha formação enquanto psicóloga o hábito da leitura, sobretudo de romances. E me aproximando de Hannah Arendt percebo a relevância que o espaço narrativo possui na esfera da vida humana. Narrar uma história, ocupar o espaço público, é político, no tocante à constituição e preservação da singularidade de cada um - seja de quem produz ou consome, e acredito ser fundamental reconhecer e exaltar a pluralidade humana na atuação com pessoas. Assim como levar isso para quem testemunhamos, demonstrando a relevância em continuar se narrando.

Acredito que Conceição Evaristo faz muito disso em seu trabalho, e muito bem. Com a *Escrevivência*, ela “ilumina” vivências coletivas, mesmo quando fala de um individual. Em suas narrativas, o “eu” nunca está isolado, pois é sempre atravessado por uma história comum, por memórias compartilhadas e por um pertencimento que excede a biografia. E nesse movimento, Evaristo revela a possibilidade de protagonizar vidas que por tanto tempo foram relegadas ao silêncio ou à margem das narrativas historicamente legitimadas.

Evaristo nos ensinando sobre o protagonismo negro, sobretudo da mulher negra, reescreve, resgata e repara simbolicamente as subjetividades pretas, rompendo com a condição de objeto de análise e afirmando sua singularidade. Em uma literatura em que o pessoal e o político se entrelaçam, penso ainda na riqueza de referências e contribuições que essa escrita pode trazer para se pensar nas práticas da Psicologia, ainda muito ancoradas em

referenciais eurocentrados e universalizantes, incapazes de abarcar a pluralidade das experiências humanas. A partir disso, acredito que é necessário que as/os psicólogas/os estejam constantemente reconsiderando suas técnicas e referências, partindo da compreensão de que a experiência de uma pessoa racializada não pode ser reduzida a categorias universais.

Ainda que eu não pertença ao coletivo sobre o qual ela escreve, sua voz me atravessa, pois me convoca à escuta e reconhecimento do outro. Seus escritos, assim como de outras autoras e autores contemporâneos negros, produzem um espaço de produção de sentido que pode inspirar modos de escuta mais sensíveis e situadas - considerando os atravessamentos e marcadores sociais, gênero, raça, classe e memória coletiva. Deste modo, considero urgente e necessária essa proximidade com a literatura para implicar a Psicologia em um movimento mais ético e político, de inspiração e reformulações metodológicas mais contextualizadas ao cenário brasileiro, no tocante às subjetividades oriundas daqui e atravessadas pela história nacional.

Pensando na minha formação, a leitura e a escrita contribuem significativamente, não só como psicóloga, mas primeiro como um “ser”. E tendo em vista minha experiência pessoal, o estudo acerca da linguagem e as possibilidades terapêuticas que a leitura e a escrita oferecem, incluo em minha prática um incentivo à leitura e escrita - enquanto ferramentas poderosas de compreensão de si e do mundo que habitamos, assim como considero propor momentos de reflexão no papel. Penso em oferecer essa possibilidade às pessoas, atentando-me, sobretudo, para a especificidade de cada caso. E, embora possa haver adesão ou não, acredito que o escrever sobre si não é um exercício óbvio nem incentivado massivamente por nossa cultura, e, portanto, apresentar essa possibilidade pode legitimar de alguma forma a história da pessoa, no tocante à um lugar de reconhecimento e cuidado existencial.

Por fim, defendo a escrita por acreditar que todos têm algo a dizer e que, a palavra é um direito básico. Penso em um trabalho de cuidado e acolhimento, com o propósito de trazer relevância às narrativas que emergirem, propondo um espaço de coautoria e de fortalecimento de histórias pessoais em meio à grande História que nos atravessa - e que por vezes nos angustia e reprime autorias. Vislumbro que a clínica pode se configurar então enquanto um espaço de reivindicação ao direito à voz e à ação, que por vezes é negado no escopo social - pelo racismo, machismo, conservadorismo..., permitindo que o paciente reassuma o protagonismo de sua história, pois no horizonte poético tudo é possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar a estas considerações é também um modo de retornar ao caminho percorrido. Cada reflexão aqui proposta nasceu de um encontro entre a escrita e a vivência. E encerrar este trabalho não significa concluí-lo, mas abrir novas possibilidades de pensamento sobre a “[...] funcionalidade do poético enquanto lugar de instaurar e de restaurar reflexões.” (Silva, A., p. 129), considerando as “[...] imensas revelações que um texto pode fazer em relação a seu autor.” (Esteves, 2024, p. 76).

Benjamin (1994) considera que “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais.” (p. 214), e é da vida humana que extrai sua matéria. Conceição Evaristo, artesã de seu tempo, faz exatamente isso. Por meio de sua condição subjetiva, tece tramas sensíveis e humanizadas, que reivindicam novas e mais coerentes narrativas para o povo preto. Ao conservar histórias nascidas da tradição oral que a formou e das experiências que testemunhou, Evaristo ilumina vidas e propõe uma militância que fortalece a coletividade e resgata o valor da palavra como gesto de permanência.

Estudando a Escrivência e reconhecendo-a enquanto um projeto que escapa à literatura, sobretudo pelo seu caráter político, foi possível articulá-la com a questão da narrativa proposta por Hannah Arendt (2008). Articulação essa que se sustentou na importância de narrar, na capacidade da palavra em resgatar e constituir a identidade das pessoas em meio à História. A palavra não é apenas um registro, mas a própria ferramenta que nos permite existir. Ainda pelo fato de que vozes que reivindicam seu lugar como sujeitos históricos e políticos não são neutras, e as representações literárias são encarnações textuais da cultura que as produz.

A escrita de Evaristo concebe a reconciliação que Arendt (2008) caracteriza ao processo narrativo. Os “tempos sombrios” aos quais Evaristo se refere são os os tempos não só da escravidão, mas também a atualidade na qual o negro ainda é segregado. Trazendo e imprimindo uma nova memória para as pessoas negras, com histórias repletas de subjetividade, que ressoam na construção existencial, oferece a Escrivência enquanto uma ferramenta poderosa para se colocarem em ação, em nome de si e de um coletivo, demonstrando a importância do ato narrativo enquanto um ato político. Evaristo e Arendt inspiram a “comunhão” de ouvintes e de narradores nos processos narrativos.

Aqui se valeu ainda a importância disso para se pensar na Psicologia e suas práticas, considerando a intencionalidade compreensiva por trás da construção de narrativa. As discussões realizadas apontam para a importância de uma Psicologia artesã, que se entenda também como narrativa - como espaço de palavra e de criação, de restaurar sentidos e afirmar existências. Escutar, nesse contexto, é participar do mesmo gesto que a escrita inaugura: o de reconhecer, em cada voz, uma história que merece ser contada.

“Narrar para existir” é o ato poético que torna o mundo, afinal, habitável e a dor, suportável. Que o poético possa nos convidar a novos sentidos, e que, entre palavra e escuta, sigamos costurando formas mais humanas de estar no mundo.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. **The origins of totalitarianism**. New York: Harcourt Brace & Company, 1951.

ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. Tradução: Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº 01/99. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores na Modalidade Normal em Nível Médio. Brasília, 1999. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb001_99.pdf. Acesso em: 06/09/2025.

CRITELLI, D. Contribuições do pensamento de Hannah Arendt para a psicologia. *In*: MELO, F. F. S.; SANTOS, G. A. O. (org.). **Psicologia fenomenológica e existencial**: fundamentos filosóficos e campos de atuação. Barueri - SP: Manole, 2022.

CRITELLI, D. **História pessoal e sentido da vida**: historiobiografia. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2012.

ESTEVES, I. M. A expressão de si (e de nós): uma condição humana. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 64-79, maio-ago. 2024.

EVARISTO, C. **Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras**, Belo Horizonte, maio de 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 29/03/2025

EVARISTO, C. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos. Entrevista para a **BBC Brasil**, 9 de março de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 28/08/2025.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. (Depoimento). *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 27-46, 2020a.

EVARISTO, C. CONCEIÇÃO EVARISTO | **Escrivivência**. [Vídeo]. [S.l.]: Leituras Brasileiras, 06/02/2020b. 23min18s. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 8 out. 2025.

EVARISTO, C. Dez perguntas para CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Notícias da Educação. **Itaú Social**, 09/11/2020c. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 22/07/2025.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 7. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2024.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FONSECA, M. N. S. Escrivivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 59-73, 2020.

FREITAS, B. P. HANNAH ARENDT: Uma vida vivida na unidade entre pensamento e ação por amor ao mundo. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 4, n. 7, p. 49-76, 2014.

GODOY, M. C. **Recontando histórias em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo**. Revista Z Cultural. ANO VIII - Nº 02, 2013. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/recontando-historias-em-insubmissas-lagrimas-de-mulheres-de-conceicao-evaristo/0>. Acesso em: 17/08/2025.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1960.

LAFER, C. Posfácio: Hannah Arendt: vida e obra. *In*: ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 233 - 249.

LIMA, J. A.; MORAIS, M. P. A.; SILVA, O. A. A desintegração familiar e a dor em Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo (2011). **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v.6, n.4 v.2, p. 170-177, 2019.

LOURENÇO, T. S. **Narrativas escrevientes**: possibilidades de cosmoamefricanizar cuidados na psicologia clínica. 2024. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2024.

LUZ, J. S., SILVA, M. C., ARGOLLO, L. L. Marcas do trauma: sonho e sofrimento psicológico em “Líbia Moirã”, de Conceição Evaristo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 11, n.1, p. 2293–2303, 2025.

MARTINHO, F. C. P. A filósofa, a História e a escrita biográfica: um diálogo com Hannah Arendt. **Revista de História**, São Paulo, n. 182, p. 1–23, 2023.

MARTINHO, M. **Compor nas Ruínas: EXPERIÊNCIA, LITERATURA E BIOGRAFIA NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT**. 2024. Dissertação (Mestrado em Filosofia Contemporânea) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2024.

MORAES, C. L. G. *et al.* Escrivivência, Interseccionalidade, Decolonialidade. **Infinitum: Revista Multidisciplinar**, v. 7, n. 12, p. 93–111, 2024.

NUNES, C. L. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 11-24, 2020.

PENNA, W. P. **Escrivivências das construções de identidades negras: Por um fazer aterrado em psicologia**. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

PERRONE-MOISÉS, C. Um pensamento atual. In: CULT, **Hannah Arendt**: Um pensamento atual, São Paulo, ed. especial., n. 9, 2018.

PINTO-BAILEY, C. F. Escrivivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d’água de Conceição Evaristo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 23, n. 43, p. 8-19, 2021.

QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros 45 anos**. [s.d.]. Disponível em:
<https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>. Acesso em: 22/09/2025.

REGIANI, A. R. Hannah Arendt e o método contingente: o procedimento narrativo. **Revista de História da UEG**, v. 6, p. 184-205, 2017.

SANTOS, G. A. O. Pensamento decolonial e psicologia existencial. *In*: MELO, F. F. S.; SANTOS, G. A. O. (org.). **Psicologia fenomenológica e existencial**: fundamentos filosóficos e campos de atuação. Barueri - SP: Manole, 2022.

SANTOS, M. S. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [s.l.] v. 11, n. 1, 2025.

SANTOS, A. B.; CORDEIRO, A. F. T. Da margem à escrevivência: a memória ancestral na poesia de Conceição Evaristo. **Opinões**, São Paulo, ano 10, n.19, p. 291-318, 2021.

SILVA, A. M. S. Escrevivência: itinerário de vidas e de palavras. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 114-133, 2020.

SILVA, J. N. **Escrevivências de uma Psicologia Preta**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SCHITTINO, R. T. A escrita da história e os ensaios biográficos em Hannah Arendt. História da Historiografia: **International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 5, n. 9, p. 38–56, 2012.

THAME, S. **ESCREVER-SE**: um estudo fenomenológico existencial do escrever poético. 2023, Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Conceição Evaristo**: Dados biográficos. *In*: Literafro – Portal da Literatura Afro-Brasileira, [s.d.]. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 29/03/2025

WALCKOFF, S. D. B. **As possibilidades do pensamento de Hannah Arendt na prática psicológica**. Editora CRV, Curitiba, 2016.

WERNECK, J. Introdução. *In*: EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, p. 13–14, 2016.